



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO
GRADUAÇÃO DE NÍVEL SUPERIOR EM TURISMO

FLÁVIA MÁRCIA COSTA SALLES

PSYTRANCE
A ESSÊNCIA NO ÊXTASE

Orientadora: Professora Me. Livia Cristina Barros da Silva Wiesiniesk

Brasília – DF
2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO
GRADUAÇÃO DE NÍVEL SUPERIOR EM TURISMO

FLÁVIA MÁRCIA COSTA SALLES

PSYTRANCE

A ESSÊNCIA NO ÊXTASE

Monografia apresentada ao Bacharelado em Turismo da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Professora Me. Livia Cristina Barros da Silva Wiesinieski

Brasília – DF
2020

Ficha catalográfica elaborada
automaticamente, com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)

Salles, Flávia Márcia Costa
S2020p Psytrance: a essência no êxtase / Flávia Márcia Costa
Salles; orientador Livia Cristina Barros da Silva
Wiesinieski. -- Brasília, .

p.

Monografia (Graduação - Turismo) -- Universidade de
Brasília, .

1. Turismo. 2. Evento. 3. Cultura. 4. Psytrance. I.
Wiesinieski, Livia Cristina Barros da Silva, orient. II.
Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO
GRADUAÇÃO DE NÍVEL SUPERIOR EM TURISMO

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo – CET, da
Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Turismo.

PSYTRANCE
A ESSÊNCIA NO ÊXTASE
FLÁVIA MÁRCIA COSTA SALLES

Avaliado por:

Prof.^a Me.^a Livia Cristina Barros da Silva Wiesinieski
Orientadora
CET/UnB

Prof.^a Me.^a Alessandra Santos dos Santos
CET/UnB

Prof.^o Me.^a Aylana Borges
CET/UnB

Prof.^o Me.^a Gabriela Cassanello
Suplente
CET/UnB

Brasília, fevereiro de 2020

AGRADECIMENTOS

À Luz que me acompanha sempre e me ilumina quando o caso.

À Universidade de Brasília e ao Centro de Excelência em Turismo, pela oportunidade de poder contribuir academicamente para o estudo da relação entre seres humanos e deles com o seu meio.

À minha família, por absolutamente tudo!

À minha família escolhida pelo amor, Pedro Victor, que me despertou para a subjetividade e me influenciou a submergir na ciência, na ideologia e no íntimo.

À minha orientadora, Professora Livia Cristina Barros da Silva Wiesinieski, pela mansidão e pela intrepidez de assumir, junto a mim, a responsabilidade de se construir a partir do desconhecido.

A todos que de alguma forma inspiraram-me a continuar em frente!

“Sinta a música, entre dentro dela.

Veja o que a música tem a lhe mostrar”

Ponto de Equilíbrio

RESUMO

Essa pesquisa, utilizando-se de abordagem qualitativa, método exploratório, entrevista e questionário, busca apresentar o fenômeno social por trás dos eventos de música eletrônica psicodélica a partir de uma perspectiva que posiciona os seres humanos e as resultantes de suas interações como eixo, trazendo à luz elementos que possam auxiliar registros e investigações futuras referentes às expressões humanas manifestas em festividades de *Psytrance*, configurando a essência desse tipo de evento. Os encontros de convivência de *Trance* Psicodélico propõem experiências alternativas ante modelos convencionais de eventos e atualmente mobiliza expressiva quantidade de pessoas para destinos que muitas vezes são afastados dos meios urbanos, demandando arranjos indispensáveis que revelam significativo potencial para o Turismo.

Palavras-chaves: Turismo. Evento. Cultura. Essência. Êxtase. *Psytrance*.

ABSTRACT

This research, using a qualitative approach, exploratory method, interview and questionnaire, seeks to present the social phenomenon behind the events of psychedelic electronic music from a perspective that positions human beings and those resulting from their interactions as an axis, bringing in the light of elements that may assist future registrations and investigations regarding human expressions manifested in Psytrance festivities, configuring the essence of this type of event. The Psychedelic Trance coexistence meetings propose alternative experiences compared to conventional models of events and currently mobilize a significant number of people to destinations that are often removed from urban areas, demanding indispensable arrangements that reveal significant potential for Tourism.

Key words: Tourism. Event. Culture. Essence. Ecstasy. Psytrance.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1- Capa do álbum “Die Mensch-Machine” do grupo Kraftwerk, lançado no ano de 1978	53
Figura 2- Festa Sons do Cerrado (Edição 2018) - Sobradinho, DF	68
Figura 3- Festa Sons do Cerrado (Edição 2018) - Sobradinho, DF	69
Figura 4- Zuvuya Festival (Edição Carnaval 2019) - Corumbá IV, GO	71
Figura 5- Zuvuya Festival (Edição Carnaval 2019) - Corumbá IV, GO	71
Figura 6- Revolution Festival (Edição Reveillon 2017/2018) - Uberlândia, MG	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - EVENTOS	15
1.1 - ASPECTOS ORIGINÁRIOS	16
1.2 - ASPECTOS CONCEITUAIS E TÉCNICOS	28
1.2.1 - ESSÊNCIA	33
CAPÍTULO 2 - CULTURA	35
2.1 - ASPECTOS ORIGINÁRIOS	36
2.2 - ASPECTOS CONCEITUAIS E TÉCNICOS	40
CAPÍTULO 3 – PSYTRANCE	45
3.1 - ASPECTOS ORIGINÁRIOS	47
3.2 - ASPECTOS CONCEITUAIS E TÉCNICOS	62
3.3 - ENCONTROS DE CONVIVÊNCIA, EXPRESSÕES HUMANAS, E TURISMO	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	92

INTRODUÇÃO

As festividades de música eletrônica psicodélica são encontros programados que tem como trilha sonora o gênero *Psytrance*. Caracterizam-se, diante do espectro dos eventos, por um viés alternativo que confere-lhes identidade fundamentado em traços ideológicos, comportamentais e materiais peculiares. Eventos dessa natureza revelam expressões humanas por intermédio de simbolismos que inevitavelmente narram uma variedade de perspectivas que dizem respeito a Idade Contemporânea, sendo que tais expressões, somadas a uma série de infraestruturas e serviços, possuem força de atratividade capaz de movimentar grandes públicos por largas distâncias, bem como estimular meios de hospedagens, entretenimentos, contato com a natureza, interações, atividades lúdicas e outros.

Essa nova lente sob a qual muitos indivíduos enxergam o mundo desperta, por um lado, curiosidade e fascínio e, por outro, discriminação e rejeição, por se desviar de padrões de comportamento dominantes amplamente reproduzidos pelas sociedades - sobretudo as conservadoras - fornecendo condições para a sobrevivência de conflitos sociais firmados na questão cultural. A intolerância e a negação têm raízes em percepções que tendem a interpretar diferenças culturais com hostilidade, presumindo que os próprios hábitos e costumes são virtuosos enquanto o que é destoante representa ameaça à moral e à ordem.

Posto isso, este trabalho busca apresentar um olhar díspar sobre os eventos de *Psytrance* e, para tanto, propõe como objetivo geral apresentar o fenômeno social por trás dos eventos de música eletrônica psicodélica a partir de uma perspectiva que posiciona os seres humanos e as resultantes de suas interações como eixo. Como objetivos específicos têm-se: a) tecer a relação entre evento e cultura em festas e festivais de *Trance* Psicodélico enquanto elementos motivacionais e constituintes do Turismo e b) a caracterização comportamental do público como também as preferências dos mesmos, visando fornecer informações que auxiliem o alcance das expectativas dos frequentadores.

Partindo do princípio metodológico proposto por Fernando González Reys (2010) em que “a pesquisa qualitativa também envolve a imersão do pesquisador

no campo de pesquisa, considerando este como o cenário social em que tem lugar o fenômeno estudado em todo o conjunto de elementos que o constitui, e que, por sua vez, está constituído por ele” (REYS, 2010, p. 81), o presente trabalho se propõe a construir significados a partir da interpretação de dados obtidos com base na investigação de abordagem qualitativa e de natureza básica, amparando-se significativamente no método exploratório de pesquisa, o qual se utilizou de procedimento de consulta multidisciplinar a materiais científicos como livros, artigos, monografias, dissertações, teses e outras modalidades de produções acadêmicas relacionadas à temática de cultura e evento. No que tange à questão da essência, o trabalho baseia-se, principalmente, nas proposições de Leandro Antônio de Lemos (2002), mas também na compreensão de Bakhtin (1987) e de Freud (1969). Quanto ao *Psytrance*, tema primordial desta análise, a pesquisa apoia-se em Franco (2016) e Nascimento (2006; 2015). Ademais, outros autores e obras utilizados estão apropriadamente assinalados no desenvolvimento do trabalho.

Foi utilizada, como procedimento complementar, a pesquisa de campo realizada virtualmente por meio de entrevistas coloquiais que ocorreram principalmente em aplicativos de conversa instantânea, mas também por intermédio de questionário via recursos digitais do Google no período de 16 de novembro de 2019 a 31 de dezembro de 2019, com 33 participantes de diversificados perfis, como se vê a seguir: a idade dos entrevistados variou de 22 a 60 anos, sendo que a idade de 25 anos destacou-se na entrevista, correspondendo aos anos de vida de 7 dos 33 entrevistados; em relação ao sexo, 51,5% dos entrevistados são do sexo feminino, enquanto que 48,5% dos entrevistados são do sexo masculino; dos 33 entrevistados, 93,9% consideram que conhecem *Psytrance* e 81,8% já compareceram a eventos de música eletrônica psicodélica.

Diante dos diálogos que antecederam a aplicação do questionário, foi possível identificar que dos 33 entrevistados, 11 não se consideram consumidores dessa modalidade de eventos. Dos 13 que se consideram consumidores entre os 33 entrevistados, 8 já viajaram com essa motivação, enquanto que 5 só

frequentaram eventos de música eletrônica psicodélica na região em que reside. Além disso, 9 dos 33 entrevistados participam ou já participaram da organização de eventos dessa natureza enquanto produtores, *djs*, apoio e outros. A aleatoriedade de perfis foi intencional na medida em que se buscava diferentes percepções sobre um mesmo fenômeno sendo que a pesquisa de campo não se limitou a um evento ou região específicos, fornecendo um olhar geral.

A vista disso projetou-se, a partir da elaboração de retomadas históricas embasadas em pesquisas bibliográficas, o vislumbamento de que tanto os eventos quanto as culturas são inerentes às experiências humanas, tendo origem no mundo primitivo e adaptando-se às necessidades em constante transformação até configurarem-se nos moldes atuais. Ademais, a diversidade presente em ambos sempre constituiu a realidade e é responsável não só por garantir a sobrevivência em conjunturas contrastantes como também por subsidiar a criação de simbolismos nos quais os seres humanos apoiam-se visando a orientação, comunicação, autocontrole, perpetuação, dentre outros.

A presente pesquisa apresenta conceituações, apoiadas em explorações bibliográficas multidisciplinares, de evento e cultura do ponto de vista humano, posicionando os indivíduos como principais agentes formuladores e usufruidores desses dispositivos. Busca-se, com isso, direcionar a observação para a essência do fenômeno social em eventos de *Psytrance* pois, embora o aprimoramento técnico e estrutural seja fundamental para a produtividade dos setores envolvidos e, conseqüentemente, para o crescimento econômico, estes isoladamente não garantem a lógica permanente do evento uma vez que as riquezas materiais são perecíveis, implicando em impactos ambientais, estruturais, sociais, culturais e mais que evidenciam um caráter de insustentabilidade.

Além disso, a investigação se propõe a pôr a luz o fenômeno *Psytrance*, sua cultura envolta e seus meios de consumação que se dão por intermédio dos eventos vinculados a arranjos turísticos indispensáveis à sua realização. Para tanto, fez-se necessário rastrear o surgimento do fenômeno, conforme disposto nos Aspectos Originários do Capítulo III. Mais do que isso, a pesquisa procurou descrever não só o fenômeno, mas também o que as fontes bibliográficas e a

pesquisa de campo ilustraram como a essência, tópico abordado nos Aspectos Conceituais do Capítulo III. E por fim, no subcapítulo III.III, procurou-se evidenciar as intrigantes e íntimas relações entre o fenômeno *Psytrance*, os eventos e a cultura, acentuando potencialidades na área do Turismo.

CAPÍTULO 1: EVENTOS

A interação é uma condição inerente à experiência no planeta Terra, onde múltiplas espécies de seres vivos dividem extensões do solo, do céu e das águas, bem como os recursos que tornam possíveis o desenvolvimento e a manutenção dos processos de vida. A partir dos avanços promovidos por intermédio da dinâmica evolutiva e da cultura, o *Homo sapiens* traçou transformações no que corresponde a inter-relação humana, resultando em interações complexas que se desenvolveram e se aprimoraram ao longo de milhares de anos. A complexidade e a expansão desse fenômeno são indicativos da configuração vigente da realidade que, embora resgate ou adapte elementos do passado e suponha ou projete elementos do futuro, é estruturada no tempo presente e possui características intrínsecas da contemporaneidade.

As sociedades humanas, segundo Elman R. Service, “são todas idênticas em alguns aspectos, mas, no entanto, existem algumas extraordinárias diferenças” (SERVICE, 1971, p. 12). As similaridades se apresentam a partir de dois fatores: o primeiro seria as características de ordem biológica, indicando as mesmas necessidades, potencialidades e incapacidades físicas; o segundo seria dispor de pré-requisitos operacionais mínimos se pretendem avançar enquanto sociedades, sejam quais forem as distinções e suas proporções (SERVICE, 1971). Isso significa que os diversos corpos sociais que compõe a humanidade realizam práticas usuais de caráter abundantemente diverso, em que dentro de um amplo leque de atividades encontra-se o evento que implica em diferentes modelos, agentes, objetivos, temas, significados e razões de ser, mas que ocorre em todos os lugares do mundo de acordo com suas singularidades.

De forma genérica, entende-se por “evento” qualquer acontecimento dado em determinado período. Entretanto, a modernidade, que tem natureza complexa, coage a busca pela fundamentação técnica, podendo delineá-lo como “um acontecimento criado com a finalidade específica de alterar a história da relação organização-público, em face das necessidades observadas” (SIMÕES, 1995, p. 170) que “envolve pessoas tanto na sua organização e preparação quanto na participação propriamente dita. É uma forma efetiva de integração de ideias,

conceitos, conhecimentos” (FREIBERGER, 2010, p. 161). Concebe-se, a partir disso, que o evento é uma circunstância sobretudo social, que depende de arranjo estrutural e estratégico, fomenta - ou tem por objetivo - algum nível de sociabilidade humana e é direcionado a estipulado interesse comum.

O estudo no domínio dos eventos ensejou o seccionamento em classificações, tipos, áreas de interesse, entre outros. Essas ramificações categoriais servem como instrumento para aprimorar técnicas e estratégias visando a minimização de falhas e imprevistos que podem ameaçar a realização dos eventos ou comprometer o alcance das expectativas dos produtores ou públicos participantes. Contudo, os avanços tecnológicos em relação as áreas do conhecimento evidenciam a necessidade de se conduzir a investigação para a essência do fenômeno, como proposto por Lemos (2003), visando uma construção teórica do Turismo que também o examine a partir de uma perspectiva humanizada.

1.1 ASPECTOS ORIGINÁRIOS

Conforme incutem as pesquisas realizadas por Adriana C. Gonçalves e Érica G. Cattine (2002) *apud* Albuquerque (2004), é enigmático o marco originário dos eventos na realidade humana, visto que há registros primitivos de celebrações e rituais ainda no período ante-histórico da narrativa das civilizações. Há dificuldade na precisão desta remontagem da jornada histórica dos eventos justamente porque a lógica de reunir pessoas fortuitamente com um objetivo ou interesse em comum é primevo, de maneira que especula-se que as primeiras tribos tenham experienciado essa dinâmica após o sucesso em alguma caçada ou com o propósito de elaborar estratégias para o mesmo fim.

De acordo com Meirelles (2006, p.3) *apud* Guimarães e Tadini (2013, p. 35), “rituais, cerimônias – ainda não eventos como conhecemos atualmente – faziam parte da rotina do homem primitivo”. Os relatos artísticos rupestres inscritos nas superfícies de cavernas ou em rochas ao ar livre retratam tanto a flora, a fauna, a cultura e o cotidiano deste período, quanto ocasiões *sui generis* da vivência pré-histórica em todo o mundo. No que tange à área de eventos,

pictóricos sugerem a manifestação de práticas cerimoniais primárias, reforçada por Campbell (1994) *apud* Justamand (2007) que

identifica nas pinturas rupestres as formas mais antigas de religiosidade humana, pois elas demonstrariam a necessidade de seus criadores de se religarem ao sagrado/divino. As pinturas mostravam as formas rituais e/ou cerimoniais religiosos desses povos (CAMPBELL, 1994 *apud* JUSTAMAND, 2007, p. 25)

Assim como a humanidade, o evento seguiu adaptando-se a diferentes contextos - ambientes, culturas e povos -, adotando gradualmente novos elementos como sons, música e protocolos, dentre outros recursos.

Apesar de os povos ainda na Pré-História apresentarem peculiaridades que os mobilizavam a reunir-se com propósitos comuns, de modo eventual e programado, uma expressiva fração da literatura voltada ao segmento de eventos considera que os primeiros eventos da história ocorreram na Antiguidade enquanto reuniões meândricas se confrontada com a divisão histórica anterior. O marco simbólico para vários estudiosos da área foi em 776 a.C, na Grécia, onde ocorreu o primeiro expressivo evento registrado até o referente período: os Jogos Olímpicos, que tinham sede na cidade de Olímpia e motivavam não só o deslocamento de significativa parcela de indivíduos das cidades vizinhas - e, por conseguinte, a hospitalidade grega -, como também o nome do maior evento esportivo da contemporaneidade.

Os Jogos Olímpicos representaram um importante marco no percurso histórico dos eventos pois a sua proporção perante o contexto temporal, espacial e social, somado à interatividade viabilizada, resultaram em um importante legado histórico de técnicas e habilidades. Na mesma região da Europa Mediterrânea - mais precisamente nas cidades de Roma, na Itália, e de Atenas, na Grécia -, festividades pagãs como as Festas Saturnálias, Dionisiacas e outras eram promovidas no ano 500 a.C. em que tais eventos, marcados pela participação ativa das sociedades do período, tinham como finalidade cultuar deuses e como característica o consumo de vinho e a interação humana em variadas escalas. Essas festas deram origem a eventos como o Carnaval e até mesmo a representações teatrais a partir da prática de troca de status social e dramatização

nas cerimônias que podiam durar dias e eram motivadas principalmente por questões religiosas.

Ainda na Antiguidade, entre 100 a.C e 600, desenvolveram-se, paralelamente, povos e culturas no continente Americano, onde edificações encontradas no norte do Peru revelam a devoção politeísta das sociedades Moche/Mochica e a relevância das cerimônias religiosas no período. Segundo Braunstein e Pépin (2014) “restos importantes de comida encontrados sugerem a prática regular de banquetes” (BRAUNSTEIN e PÉPIN, 2014, p. 224), configurando uma espécie de evento. Em território asiático, por volta do século 12 a.C, foi localizado na China um compilado de documentos que tinham como conteúdo diretrizes, normas e procedimentos cerimoniais que, de acordo com Albuquerque, é um dos mais antigos registros escritos do mundo relacionado a temática de eventos (ALBURQUERQUE, 2004). Os países orientais, de uma forma geral, já organizavam eventos com características sistêmicas devido a presença de protocolos e agentes hierárquicos como “Mestre de Cerimônias”, a presença de mantras - especialmente indianos, herança imaterial do período -, entonação vocal a fim de destacar equipes em torneios esportivos, entre outros (MEIRELLES, 2006 *apud* GUIMARÃES e TADINI, 2013).

Com o declínio da Antiguidade, a partir da queda do Império Romano do Ocidente por volta do ano 476 d.C, houve um reajuste das estruturas política, social, cultural e econômica, ocasionando a ascensão do Cristianismo e o sistema sociopolítico feudal no continente Europeu, dando início a Idade Média. Durante a época medieval, eventos de caráter esportivo-militar eram comuns e tinham como objetivo aprimorar as técnicas belicosas dos participantes e colocá-las à prova diante dos adversários. São numerosos os relatos literários e artísticos desses acontecimentos inicialmente sanguinolentos que dispunham de desígnios variados, inclusive romanescos. No que concerne a nobreza medieval, Albuquerque afirma que “existiam protocolos de como se comportar dentro dos palácios, com regras e um certo tipo de cerimônia” (ALBUQUERQUE, 2004, p. 23), protocolos esses observados em diversas situações, como por exemplo as refeições realizadas nas dependências dos castelos feudais.

Os principais eventos do tempo mediévico eram os concílios, os teatros e as feiras comerciais. Os dois primeiros representavam os interesses da Igreja Cristã que, devido seu potente papel enquanto fomentadora de ideologia e comportamento social, constituiu, organizou e desempenhou funções cerimoniais como também festividades - muitas dessas festividades e cerimônias incorporaram elementos culturais e religiosos de outros povos, em razão da relutância popular ante as doutrinas cristãs. No tocante às representações teatrais, é interessante ressaltar tanto o objetivo de tais eventos, quanto a resultância: o teatro cristão surgiu como uma alternativa a monotonia ritualística das missas e mobilizou grande número de espectadores, ultrapassando os limites físicos da igreja e ganhando ruas e praças públicas. Já o comércio, realizado por meio de feiras, era organizado pelos senhores feudais e/ou clero e contava com a participação ativa dos mercadores e dos tributos pagos por eles para instituir a exposição de seus produtos e comercializá-los ao consumidor medievo (MATIAS, 2002).

Concomitantemente, no Novo Mundo, povos pregressos a expugnação colonial executavam eventos esportivos e religiosos. Os “jogos de bola”, legado dos povos Olmecas, desempenharam importante papel para as civilizações posteriores, como por exemplo a Maia, onde

junto com diversos tipos de templos, palácios e conjuntos administrativos ou residenciais para as elites, as quadras compunham o núcleo central das cidades mesoamericanas. **Por serem locais de realização de eventos de ampla participação**, os campos e os jogos que nelas se realizavam reforçavam o caráter público das cidades como espaço de poder. Assim como se contabilizam centenas de templos, os arqueólogos calculam em aproximadamente 1.500 os campos de jogar bola existentes na Mesoamérica. Eles seriam presença quase obrigatória junto ao templo e reforçariam a inserção da cidade em outra dimensão além da visível. (grifo nosso) (LONDOÑO, 2015, p. 115)

Já os Incas celebravam a denominada “*Inti Rayme*”, a maior festividade em homenagem ao Sol, Deus *Inti*, que ocorre no solstício de 24 de junho e até a atualidade é comemorado no Peru em releitura ao formato cerimonial original, com a representação da liderança imperial *Sapa Inca* discursando em Quíchua - língua nativa - antes do desfile (BRAUNSTEIN e PEPIN, 2014).

A partir do ruir histórico da Idade Média, ocasionado pela queda do Império Bizantino por motivos pandêmicos e econômicos, originou-se a Idade Moderna em meados do século XV. Na Europa, tal período é caracterizado pelo reaver das faculdades lúcidas inspiradas no Classicismo, visando romper com características infortúnias da Era Medieval. As atividades comerciais da época anterior acarretaram a formação de cidades pecuniárias e arranjos sociais correspondentes com este cenário, facultando o incentivo econômico por parte da elite a áreas como artes e educação. O crescimento de ideias e princípios humanistas, bem como a valoração do conhecimento à luz da investigação estimulou não somente grandes avanços técnicos e acadêmicos como também o deslocamento de entusiastas e cultores a fim de expor seus trabalhos e adquirir experiências - berço do *Grand Tour* (MATIAS, 2002).

A locomoção de pessoas durante o período moderno bem como a aventura marítima mercantil engendradas pelo advento das grandes navegações, resultaram em importantes mudanças na realidade humana. O objetivo era realizar as manutenções econômicas necessárias para manter as hegemonias e burguesias da época que, a partir deste momento, fundamentam-se nos alicerces econômicos do capitalismo. Diante da conjuntura moderna da Europa, as festividades que ocorriam eram de natureza carnavalesca, semelhante ou derivada do mesmo. Segundo o artigo “Rituais e festas populares da Idade Moderna”, tais festividades

que ocorriam em diversos períodos do ano, eram realizadas para serem comemoradas colheitas, dias de santos, eleições, vitórias, entradas de pessoas de prestígio na cidade e outros. E, apesar de serem por motivos diferentes, todas elas possuíam elementos em comum, como a comida, a bebida e a liberdade sexual, que ocorria no carnaval (GOTTFRIED, 2012, p. 4).

Na América, civilizações pré-colombianas prosseguiram isocronicamente com o desenvolvimento de seus aspectos culturais em que os eventos ritualísticos, em especial, desempenham papéis fundamentais e possuem características peculiares. Em geral, os principais ritos estão alinhados com as exigências do calendário litúrgico, festejando fenômenos naturais e astronômicos tais quais os processos envolvidos na agricultura (COW, SNOW e BENSON,

2006, p. 158). O uso de alucinógenos e de tabaco é parte integrante de cerimônias dos povos nativos da América Latina e têm raízes na “busca pelo êxtase religioso” (MONTENEGRO, 2006, p. 1). Os principais psicoativos usados pelos povos oriundos da Mesoamérica e América do Sul são a folha de Coca, a qual são atribuídas funções estimulantes, medicinais e sagradas; Ayahuasca, a qual são atribuídas funções meditativas e de conexão com as dimensões espirituais; Jurema, a qual são atribuídas funções relacionadas ao aumento temporário da atividade funcional do organismo entre outras plantas com propriedades transcendentais como o cacto *San Pedro* (MONTENEGRO, 2006).

A essa altura, o mundo experimentava a pressão comercial das expedições marítimas e suas consequências e foi a partir daí que as civilizações europeias deram início a expugnação colonial. Os interesses unilaterais hegemônicos causaram conflitos de ordem desequilibrada, pois a tecnologia bélica dos colonizadores europeus possuía maior poder letal. Além disso, patologias epidêmicas concentradas e trazidas pela tripulação dos navios ocasionaram significativa extinção dos povos aborígenes e seus legados milenares. A exploração de territórios de maneira eficiente dependia de mão de obra barata, isto é, predominantemente escrava, tanto nativa quanto estrangeira advinda de países africanos. As pessoas negras conduzidas forçadamente a imigração por razões escravagistas trouxeram para a América muito mais do que sua força motriz, contribuindo com uma infinidade de saberes, costumes, vocábulos, religiões, rituais, técnicas, cerimônias, plantas e demais recursos materiais e imateriais, embora em muito tenham sido censurados e reprimidos pelo projeto centralizador de poder aristocrático e cristão, por serem marginais à doutrina dominante.

A intensificação de dinâmicas e relações mercantis, decorrentes da Revolução Comercial, criou a necessidade de aprimoramento das matérias-primas. Esse fato impulsionou, de forma análoga, o aprimoramento dos processos de produção: deixa de ser essencialmente manufatura e passa a ser maquinofatura. Essa transição operada nos processos técnicos da elaboração de produtos para comercialização ficou conhecida como Revolução Industrial e foi suficientemente impactante na contribuição para a reconfiguração do ordenamento

político, econômico e social europeu e posteriormente mundial. O “trabalho humano ou animal foi substituído por outros tipos de energia, como a máquina a vapor ou de combustão” (MATIAS, 2002, p. 4) e “essas mudanças causaram transformações também nos transportes e comunicações” (MATIAS, 2002, p. 4). As comutações que atingiram aspectos estruturais da sociedade do século XVIII tiveram influência direta na categoria de realização de acontecimentos sociais, provocando o surgimento de eventos voltados para questões científicas e técnicas como o Primeiro Congresso Continental ocorrido no ano de 1774, nos Estados Unidos da América.

O regime moderno pautado no absolutismo monárquico - símil ao medieval -, causou conflitos nas camadas populares da sociedade estendendo-se até as colônias. O pleno poder que emanava dos reis europeus - sustentado graças ao apoio da aristocracia - somado a ascensão de princípios iluministas foi determinante para o levante revolucionário do povo ante o panorama da época, fornecendo condições para processos de independência, como foi o caso dos Estados Unidos da América. A vitória emancipatória estadunidense serviu como estímulo a outras sociedades insatisfeitas com gestões déspotas, motivando mais revoltas como a Revolução Francesa, que se apresenta como mais uma ruptura histórica das civilizações e que novamente ajusta os pilares estruturais das sociedades, modificando as formas de pensar o mundo e as complexas relações do qual atua como palco.

Originada a partir do declínio da Idade Moderna, a Contemporaneidade nasce em 1789: a repaginação sistêmica da experiência humana enquanto comunidade apresentou novos modos de refletir e agir sob o globo. Com a eclosão tecnológica, as diversas populações submeteram-se a provar padrões de consumo e diferentes produtos que antes não eram possíveis e em quantidades jamais vistas até então. A escravidão nas colônias, vislumbrando o enriquecimento das metrópoles e pautadas nos processos de dominação, inclusive em escalas culturais, minguiu expressões humanas dos povos subjugados e aplicou a estes mesmos povos a cultura dominante: as festas de cunho religioso-cristão, acrescidas de elementos pagãos, ainda são as principais motivações para a reunião esporádica ou periódica de pessoas. Os eventos técnicos, científicos e

políticos, como por exemplo as assembleias, também se estruturam com base nos avanços propostos pelos ideais iluministas.

Com o absolutismo enfraquecido para além das fronteiras francesas derrubando reis europeus e contribuindo paralelamente para processos de independência em territórios colonizados, houveram novos movimentos expansionistas na Europa visando a conquista de terras e entrevendo a concentração de um poder soberano por meio da edificação de um império global liderado por Napoleão Bonaparte. O expansionismo napoleônico e iluminista ameaçou o poderio real de países que se mantiveram sob as diretrizes do Antigo Regime Absolutista, como a corte de Portugal, que, não respeitando os limites comerciais impostos pelo imperador francês, foi pressionada a retirar-se de seu território juntamente com membros da alta sociedade rumo a colônia brasileira. A mudança da metrópole para a colônia estimulou a abertura dos portos na costa do Brasil para as “nações amigas”, favorecendo práticas turísticas (DORTA, 2015) e colocando fim ao monopólio comercial colonial. Além disso, a presença da coroa portuguesa no Brasil facultou a instalação de infraestruturas para atender as necessidades da realeza.

A transferência da sede da coroa portuguesa e o fim do pacto colonial desencadearam uma crise política, econômica e social em território português que enfrentava a invasão napoleônica - da qual saiu vitorioso com o auxílio de países aliados como a Inglaterra. O cenário incerto, bem como a permanência de tropas britânicas em Portugal causaram desconforto na sociedade portuguesa. Por outro lado, a burguesia brasileira estava descontente diante da possibilidade de Portugal retomar o processo de colonização do Brasil, reconsiderando o monopólio comercial que enfraqueceria o poder econômico da classe em questão. A união destes fatores acrescido de influência externa viabilizou a desanexação do Brasil enquanto colônia portuguesa, consumando a independência em 7 de setembro de 1822, tornando-se, a partir daí, o império de Dom Pedro I reconhecido por Portugal.

Mais tarde, no Brasil, embora os povos originários praticassem modalidades de eventos precedentes a colonização e que desde então ocorressem feiras e eventos religiosos congêneres e influenciados pela Europa

Antiga, Medieval e Moderna, o primeiro evento formal registrado em solo brasileiro foi um baile de carnaval em 1840, no Hotel Itália, localizado no estado do Rio de Janeiro (DORTA, 2015). A partir de então ocorreram uma série de eventos no Brasil que vão de festividades cristãs, promovidas pela Igreja, até as pagãs, realizadas em território indígena e quilombola na condição de resistência frente a expugnação colonial. Dez anos mais tarde, as políticas imperialistas brasileiras iniciaram um processo de adoção de novas posturas perante a questão escravocrata, motivado por injunção estrangeira. Apenas em 1888, com a Lei Áurea, houve a abolição da escravatura brasileira - 85 anos mais tarde que a primeira abolição do mundo contemporâneo na Dinamarca.

A essa altura, milhares de vidas negras e indígenas já haviam sido ceifadas, assim como parte significativa de sua história, cultura, costumes e ancestralidades que, além de tudo o mais, passavam por processo de miscigenação, objetivando a conversão cristã, o embranquecimento da raça e o esquecimento das origens identitárias (PRIORE, 1994). No que concerne a outras modalidades de eventos - como os científicos, técnicos, políticos e artísticos -, nota-se a abertura de espaço no cenário brasileiro que buscou aprimorar-se a partir da participação em acontecimentos sociais internacionais, como a Exposição Internacional de Londres, ocorrida no ano de 1862 (DORTA, 2015). O Brasil Império, em vigor até então, durou 67 anos, migrando do sistema imperial para o republicano a partir da Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, por meio de um golpe político-militar.

Diante da conjuntura nacional republicana do século XX, o ano de 1908, em especial, representou um importante marco na evolução técnica dos eventos no Brasil: a Exposição Nacional, realizada no Pavilhão de Feiras da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, foi o primeiro evento alinhado aos moldes internacionais e realizado em local destinado a esta finalidade (GUIMARÃES e TADINI, 2013). Contudo, o contexto mundial do século XX foi de intensas guerras com dimensões catastróficas, motivadas por pretensões expansionistas que revelaram uma face perversa da ganância humana, apoiada no belicismo. A Primeira Guerra Mundial despontou no continente europeu por razões políticas e econômicas, envolvendo os principais países que compõem a Europa e regulando novamente as bases

estruturais das nações mundo a fora. A grave crise enfrentada pelos países envolvidos ocasionou o surgimento de ideais totalitários, fazendo emergir o contexto fatal para um segundo confronto de magnitude calamitosa que envolveu diversas nações do mundo, provocou inúmeros óbitos e desenvolveu técnicas inumanas de homicídio em massa, denominada Segunda Guerra Mundial. O fim deste período obscuro se deu em 1945, com o suicídio da liderança política alemã e o bombardeio nuclear ocorrido no Japão sendo de responsabilidade estadunidense, tirando milhares de vidas instantaneamente.

Com o cessar da Segunda Guerra Mundial, a economia entrou em estado de ebulição, possibilitando novas alternativas de produtos e serviços. Segundo Matias (2004) *apud* Dorta (2015), “na década de 1940, a hotelaria nacional teve um fator de crescimento interessante, e vários empreendimentos como hotéis-cassino foram inaugurados” (DORTA, 2015, p. 7), “as indústrias retomaram a produção e o número de eventos foi crescente, ocasionando a construção de espaços projetados para eventos” (DORTA, 2015, p. 7). Alguns dos espaços inaugurados na década seguinte para fins de eventos foram o Estádio Mário Filho - Maracanã, no Rio de Janeiro, e o Parque do Ibirapuera, em São Paulo, que possui espaço destinado para exposições. Nesse mesmo período, aconteceram profundas transformações desenvolvimentistas e tecnológicas em âmbitos como da comunicação, dos transportes e da saúde, assim como em âmbito cultural com o surgimento de novos ritmos musicais como o *Rock’n’roll* e a Bossa Nova.

Todavia, o panorama mundial tendo a coexistência como basilar, encontrava-se frágil desde o fim da Segunda Guerra, configurando a Guerra Fria - dentre outros conflitos de natureza política-econômica. A condição alarmante, considerando os episódios das guerras anteriores e o poder letal dos instrumentos de combate utilizados, oportunizou o surgimento de movimentos populares e sociais fundamentados em perspectivas humanitárias e pacifistas, como o movimento *Hippie*, objetivando a paz mundial. Tais movimentos, na contramão do consumismo e, por conseguinte, dos ideais capitalistas, surgem como a “Contracultura”, que seria justamente o questionamento a ordem vigente do período, a cultura preponderante. A inovação proposta pelos jovens da década de 1960 para os valores morais e éticos se deu graças a aproximação com ideologias

orientais que regem religiões como o Budismo e o Hinduísmo. O ato consumativo dessa corrente pode ser considerado o festival de música *Woodstock Music & Art Fair*, que aconteceu em 1969, na cidade de Bethel, nos Estados Unidos.

O festival de música *Woodstock*, com ritmos que variaram entre o Rock, Rock Psicodélico, Folk, Blues e outros, mobilizou milhares de pessoas simpatizantes as ideologias anti-guerra rumo a ruralidade próxima ao *White Lake*, estado de Nova Iorque. Sem a infraestrutura necessária para atender muito mais que o dobro do público esperado, o festival aconteceu ao ar livre, sob o tempo, com pouca possibilidade de higiene ou alimentação e sem suporte da segurança pública - ou até mesmo privada -, assinalando o caráter essencial que uniu pessoas com um interesse em comum: transformar o mundo (RUAS, 2013). A música, os princípios *peace and love* e o uso de psicoativos constituem o selo diferenciador desse acontecimento social que trouxe à luz importantes pautas ideológicas que antes encontravam-se distorcidas, bem como oprimidas por embates armados entre nações, pela onda fascista e pelas ditaduras que instauraram-se em vários países, justificadas pelo restabelecimento da ordem e do *status quo* - implicando, inclusive, em maior radicalização das políticas proibicionista frente as drogas (TELES, 1998).

O decenário de 1970 e 1980 ficou marcado pelas gestões das ditaduras militares, principalmente em territórios latinos do continente Americano. Essa circunstância se dá em consequência do estabelecimento de áreas de influência política e econômica entre as hegemonias mundiais, tendo em vista a proteção aos interesses supremáticos amparados no preceito de “soberania nacional”. De uma forma geral, as várias revoluções tecnológicas, mais precisamente voltadas para a música dentro do âmbito dos eventos, fizeram surgir diferentes espaços de convivência pelo mundo como as danceterias, discotecas e afins, que mais tarde serão popularizadas pelos meios de comunicação da época. No Brasil, durante esse período, “ocorreu a inauguração do Pavilhão de Exposições do Palácio das Convenções do Anhembi/SP” (DORTA, 2015, p. 7). Anos mais tarde, em 1985, realizou-se a primeira edição do festival de música *Rock in Rio*, no estado do Rio de Janeiro, evidenciando a intensificação de investimento no setor tal qual a

potencialidade dos eventos enquanto importante segmento do Turismo e enquanto gerador de fundos.

Com o fim da Guerra Fria na década de 1990 e com a retomada da democracia em diversas nações, as civilizações defrontaram-se com novos avanços em diversas áreas, revigorando a complexidade moderna advinda do impacto dos processos de globalização que têm raízes capitalistas. A consolidação do capitalismo representou, antagonicamente, o colapso do comunismo, trazendo consequências tangíveis e intangíveis para os anos seguintes. Além dos fenômenos de hibridação cultural decorrentes do comércio marítimo e da interação colonial - bem como da imposição dominante -, houve também a revolução tecnológica nos meios de comunicação, intensificando os efeitos globalizadores por meio da sofisticação de instrumentos comunicacionais, principalmente de massa. Com informações fluindo de maneira muito mais ágil, as diversas culturas espalhadas pelo mundo passaram a sofrer e a ceder à influência hegemônica-capitalista. No ramo dos acontecimentos sociais, essa influência também se fez presente e foi benéfica na medida em que colaborou para a sistematização da atividade, fazendo surgir tecnologias capazes de suprir necessidades infraestruturais, bem como de amparar estudos visando a elucidação acerca das questões envolvidas na prática dos eventos.

Dos anos 2000 em diante, com conjuntura relativamente estável de mundo, agregado a modernização de habilidades e mecanismos foi possível disponibilizar uma infinidade de formatos de eventos que, devido a toda evolução histórica, apresentou mudanças também quanto as suas motivações, embora tantos outros tenham procurado preservar-se próximo aos formatos originais. As transformações apresentam-se também nos progressos acadêmicos-científicos, permitindo a investigação e análise acerca de diversos temas relevantes, incluindo a área de acontecimentos sociais. A exploração metodológica da temática de eventos propiciou o desenvolvimento de técnicas e táticas relativamente à montagem, preparação e decoração tal como formalidades, protocolos e demais elementos que constituem a *praxe* do segmento, auxiliando no alcance das expectativas envolvidas, na verificação dos resultados obtidos e na compreensão das dinâmicas circundadas e seus impactos na sociedade contemporânea.

1.2 ASPECTOS CONCEITUAIS E TÉCNICOS

Diante do contexto pós-moderno, a palavra “evento”, segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, significa um acontecimento geralmente observável; fenômeno. Por extensão, significa ocasiões sociais como festas, solenidades, espetáculos e celebrações de qualquer natureza, organizado por indivíduo interessado na reunião de pessoas com determinado propósito, seja ele social, cultural, institucional, comunitário, promocional, corporativo, entre outros. Na linguística, fato ou processo que, expresso por um verbo ou por um substantivo verbal, denota ação. O “evento, pelo próprio significado da palavra, é todo fato ou acontecimento, espontâneo ou organizado, ocorrido na sociedade” (CANTON, 1998, p. 102), ou seja, em amplo sentido, evento desperta atenção, é um acontecimento fora do habitual (TENAN, 2010).

Para o Turismo inexiste um conceito preestabelecido ou considerado exato. Conquanto, “sob o ponto de vista do profissional pressupõe planejamento e organização” (CANTON, 1998, p. 102). É, portanto,

componente do mix da comunicação, que tem por objetivo minimizar esforços, fazendo uso da capacidade sinérgica da qual dispõe o poder expressivo no intuito de engajar pessoas numa ideia ou ação” (GIÁCOMO, *apud* MATIAS, 2014, p. 5).

Segundo o documento “Marcos Conceituais - ano de 2006”, elaborado pela Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, os eventos “compreendem encontros programados e organizados como congressos, convenções, simpósios, lançamentos, mostras, exposições e feiras” (SNPT, 2006, p. 45). De forma concisa, o evento pode ser conceituado, no âmbito do Turismo, como um instrumento de situação social, pois é um conjunto de atributos em que se encontram determinado grupo de pessoas que se reuniram motivadas por uma tendência combinatória a respeito de determinado tema levantado pelo agente organizador.

A literatura acadêmica sob o prisma turístico elenca uma série de clivagens, classificando os eventos em: a) Categoria, que corresponde ao caráter institucional ou promocional; b) Dimensões, que correspondem as proporções,

identificadas a partir do número de participantes e que podem ser de pequeno porte, médio porte, grande porte ou megaevento; c) Data, que corresponde a esporadicidade ou periodicidade; d) Áreas de Interesse, que correspondem as temáticas e que podem ser artísticas, científicas, políticas, esportivas, religiosas, turísticas, culturais, dentre outras; e) Perfil dos Participantes, que corresponde ao traçamento do público alvo, podendo ser geral, dirigido ou específico; f) Público, que corresponde as características de acesso, podendo ser fechado ou aberto; g) Localização, que corresponde a abrangência do ambiente e pode ser local, municipal, regional, estadual, nacional, internacional e outros; h) Espacialidade, que corresponde a características do espaço que podem ser internos ou externos; i) Tipologia, que corresponde ao conjunto de características que identificam o evento e possuem subclassificações, como por exemplo exposições (mostra, salão...), lançamentos (livros, produtos e serviços...), desfiles (moda, cívico...), cerimônias acadêmicas (formatura, aula magna...), encontros de convivência (sarau, coquetel...) e assim por diante (DORTA, 2015).

O “Glossário do turismo: compilação de termos publicados por Ministério do Turismo e Embratur nos últimos 15 anos – 1ª edição”, formulado pelo Ministério do Turismo, fraciona a classificação de acontecimentos sociais em nove, sendo eles:

1. Eventos: Acontecimentos de caráter técnico-científico, entre os quais se incluem congressos, convenções, conferências e reuniões diversas
2. Evento comercial: Tipo de evento associado às transações de compra e venda de produtos e serviços
3. Eventos culturais: Englobam as manifestações temporárias. Incluem-se nesta categoria os eventos religiosos, musicais, de dança, de teatro, de cinema, gastronômicos, exposições de arte, de artesanato e outros
4. Eventos internacionais de turismo: De acordo com a International Congress and Convention Association (ICCA) são eventos itinerantes, com periodicidade fixa, mínimo de 50 participantes e que estejam pelo menos em sua terceira edição
5. Eventos programados: Eventos que concentram pessoas para tratar ou debater assuntos de interesse comum, negociar ou expor produtos e serviços, de ordem comercial, profissional, técnica, cultural, científica, política, religiosa, turística e muitos outros, com datas e locais previamente estabelecidos, provocando a utilização de serviços e equipamentos turísticos
6. Eventos promocionais: Eventos realizados apenas para divulgação institucional ou de apoio às estratégias de marketing
7. Eventos sociais: Eventos que envolvem assuntos próprios da sociedade, comunidade ou agremiação, com vistas ao bem comum.

8. Eventos técnicos e científicos: Eventos que abarcam especialidades, processos, habilidades, domínio de uma prática, arte ou ciência
9. Eventos turísticos: Eventos de notório conhecimento popular e geradores de fluxo de turistas. Muitas vezes constituem-se como uma das principais motivações de viagens para os destinos brasileiros, gerando atratividade para períodos específicos e contribuindo para a diminuição da sazonalidade (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2018, p. 13 e 14)

Grande parte das obras que contemplam o setor de acontecimentos sociais é direcionada aos eventos institucionais, promocionais, técnico-científicos e acadêmicos devido a suas qualidades potenciais no que diz respeito ao impulso da imagem corporativa, a exposição e a promoção de bens e serviços, ao esclarecimento de condições de mercado e concorrência e ao aprimoramento técnico e profissional. A possibilidade de estabelecer contatos estratégicos, o fornecimento de visibilidade a uma causa ou tema, a aproximação com o consumidor, entre outros benefícios de base financeira também são aspectos potenciais em relação aos eventos. Em razão da relevância no cenário mercadológico, bem como do interesse de cariz mista (tanto público quanto privado), o repertório bibliográfico dificilmente abrange a tipologia dos encontros de convivência e sua importância não só econômica, mas acima de tudo social e cultural.

Os encontros de convivência “utilizam o tempo disponível de seus participantes para desenvolver alguma atividade benéfica ou agradável” (DORTA, 2015, p. 42), ou seja, são atividades que mantêm relação com perspectivas de lazer, entretenimento e ludismo dos participantes. Geralmente, tais dinamismos estão diretamente conectados tanto a interação humana, quanto as expressões humanas. Os encontros de convivência suportam e usam como suporte reflexos de espontaneidade, pois fomentam a troca de informações informais, confraternizam, celebram e aproximam-se da idéia e configuração da festa. A festa, segundo o Dicionário Aurélio, é a reunião de pessoas com fins recreativos, funciona como cenário conveniente ao regozijo e geralmente é composta por outros elementos como música, dança, comidas e bebidas. Ademais,

As festividades (qualquer que seja seu tipo) são uma *forma primordial*, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem

explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma visão de mundo. (BAKHTIN, 1987, p. 7)

Dessa forma, compreende-se a índole comunicadora da conjuntura de eventos festivos: manifestam visões de mundo que decorrem do passado, enquanto afirmativas a respeito de uma origem identitária; do presente, enquanto forma de imprimir a própria realidade vivida; e do futuro, enquanto anseio e aspiração de devaneios individuais ou coletivos. À vista disso, “toda festa [...] tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um efeito de efervescência, às vezes mesmo de delírio” (DURKHEIM, 1968 *apud* AMARAL, 1998, p. 25) que ultrapassa o fastidioso cotidianismo:

Um festival é um excesso permitido, ou melhor, obrigatório, a ruptura solene de uma proibição. Não é que os homens cometam excessos porque se sentem felizes em consequência de alguma injunção que receberam. O caso é que o excesso faz parte da essência do festival; o sentimento festivo é produzido pela liberdade de fazer o que via de regra é proibido. (FREUD, 1913, p.168)

A “festa marcaria, deste modo, um retorno ao caos original” (CALLOIS, 1939 *apud* FERREIRA, 2003, p. 3).

Enquanto as festividades exprimem-se como a ampliação da expressão humana latente, a rotina revela-se como o comportamento normativo que suprime as “impulsões mais irrefletidas” (CAILLOIS, 1989, p. 127). A vida regular, nesse contexto, pode ser compreendida como a renúncia diária ao livre arbítrio sociocultural e a submissão coletiva aos princípios da ordem sociopolítica estabelecida, resultando na onerosidade que assegura a sobrevivência. Segundo Freud (1913), essa ideia de sacrifício e festividade coincide em todos os povos, uma vez que

Em todos os lugares o sacrifício envolvia um festim e um festim não podia ser celebrado sem um sacrifício. O festim sacrificatório era uma ocasião em que os indivíduos passavam alegremente por cima dos seus próprios interesses [...]. (FREUD, 1913, p. 161)

Apesar de o arranjo social voltado para a lógica da sobrevivência traduzir a finalidade do trabalho cotidiano, ele nada mais é do que o emprego do tempo em um conjunto de ações necessárias para suprir necessidades imediatas, mas não necessariamente as genuínas, pois o sujeito que serve

sem dúvida dedica a tais afazeres atenção, paciência e habilidade, mas vive, de um modo mais profundo, da lembrança de uma festa e da espera de uma outra, pois para ele a festa constitui, em sua memória e seu desejo, o tempo das emoções intensas e da metamorfose de seu ser (CAILLOIS, 1989, p. 128)

A festa é o campo ideal para a manifestação, a interação e a transformação das culturas pois a medida em que se reafirmam também nunca mais serão exatamente as mesmas: a contemporaneidade e sua complexidade intrínseca advém do dinamismo a que estão sujeitas todas as expressões humanas, principalmente quando se encontram, conflitam e absorvem o que convém das culturas a que tem acesso:

A sociedade e a cultura, assim como a linguagem, mantêm a sua distinção - sua "identidade" -, mas ela nunca é a "mesma" por muito tempo, ela permanece pela *mudança* (BAUMAN, 2012, p. 43)

1.2.1 ESSÊNCIA

Os eventos turísticos e seus alicerces estruturais aparecem frequentemente como temas de pesquisas e trabalhos científicos na área do Turismo e geram resultados positivos quanto ao aprimoramento de técnicas e otimização das lógicas de captação, planejamento, organização, *marketing* e serviços envolvidos como transportes, hospedagens, alimentação, entretenimento e mais (LEMOS, 2003). Contudo, a contemporaneidade e sua complexidade inerente compelem a precisão de se acompanhar os avanços tecnológicos do conhecimento, buscando examinar a essência do fenômeno de eventos e seus impactos na sociedade para uma construção teórica do Turismo (LEMOS, 2003).

Para Lemos (2003), eventos são "hieroglifo a ser decifrado" (LEMOS, 2003, p. 84). Para tanto, o autor afirma que todos os eventos turísticos têm em sua essência um processo de agregação de valor que se dá a partir das relações

sociais, pois os seres humanos são quem codificam signos de valor, assim como são os seres humanos quem decodificam tais signos. A codificação, nesse caso, decorre da elaboração a partir do trabalho humano: são os indivíduos que criam, planejam, produzem e organizam eventos, bem como estabelecem as infraestruturas, transportes, meios de hospedagem, recreação, lazer e outros elementos substanciais para a realização do evento ou agregação de valor a ele. Já a decodificação decorre da avaliação, que é igualmente realizada pelos indivíduos, podendo validar ou não tais valores codificados a partir da experiência.

Segundo Lemos (2003), o valor gerado “deve representar um conjunto de relações sociais dos seres humanos com sua história, sua cultura e seu ambiente natural e arquitetônico” (LEMOS, 2003, p. 82), envolvendo a sociedade, tornando-a partícipe e beneficiando-a com os resultados obtidos, correspondendo a uma perspectiva de lógica permanente. Deve, também, possuir “força de atração capaz de mobilizar o deslocamento e a permanência de pessoas de outras localidades” (LEMOS, 2003, p. 82), legitimando os signos representativos do meio social em que os eventos se consumam a partir da decifração. Ou seja, os “valores sociais espacialmente estabelecidos” (LEMOS, 2003, p. 91) são produtos das relações humanas e configuram a essência dos eventos. Para tanto, faz-se necessário investigar além da superfície das ferramentas e táticas que visam o aprimoramento técnico, “pois estas são mutantes e reflexo do real (LEMOS, 2003, p. 92). A busca acadêmica e científica deve contemplar também o âmago do fenômeno, pois neste reside a essência e, por conseguinte, a verdadeira motivação.

CAPÍTULO 2: CULTURA

CAPÍTULO 2: CULTURA

A realidade natural do mundo primitivo condicionou a espécie humana a diferentes recursos, estratégias e percepções, sinuando e moldando de forma labiríntica a curva evolutiva dos aspectos culturais de diferentes povos dispersos pelos continentes. A partir do desenvolvimento de habilidades e técnicas, exequível por meio dos processos evolutivos, a espécie humana refinou suas táticas ante o enfrentamento de uma série de atributos condicionais inerentes ao conjunto ambiental, resultando em uma sequência contínua e dinâmica de construção de *práxis* e *modus operandi*, a fim de assegurar a continuidade de processos civilizatórios.

O que conferiu ao homem o status de “racional”, diferenciando-o de outras espécies do reino animal, foi a capacidade de não somente comportar-se ou criar de forma instintiva, mas de atribuir significado as criações e perpetuá-las, passando adiante padrões de conduta, crenças religiosas, hábitos alimentares entre outras formas de expressão humana. As distinções entre os procedimentos em face aos estímulos externos das diversas regiões onde o ser humano prosperou em suas necessidades prementes ocasionaram as mais extraordinárias cognições e sentidos, admitido pelo particularismo histórico que defende que “cada cultura segue os seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou” (LARAIA, 1986, p. 36). Sendo assim, cada cultura carrega convicções de natureza causal, bem como a comunica quando colocada em prática, quando representada e quando reproduzida.

A cultura, em um contexto geral, pode ser percebida como um dispositivo social que viabilizou um posicionamento vantajoso do ser humano frente a outras espécies de seres vivos. Desse modo, a cultura teve um papel determinante para o desenvolvimento humano, pois capacitou a sobrevivência por meio da cognição, gerando hábitos e artefatos oportunos a driblagem dos desafios universais. Além disso, concedeu significados substanciais as concepções culturais, penetrando densamente nas díspares realidades humanas. Assim surgiram linguagens, ritos, ritmos musicais, danças, performances, trajes, mitos, uso ritualístico de

substâncias psicoativas, crenças e uma infinidade de elementos que metamorfosearam, em importantes níveis, a experiência humana.

2.1 ASPECTOS ORIGINÁRIOS

Partindo do ponto de vista biológico, a dieta primitiva arborícola acrescida de demais características referentes a adaptabilidade ao cenário natural permitiram o desenvolvimento da massa encefálica humana, dando suporte a novas modalidades de pensamento que ampliaram-se para além da perspectiva das tendências inatas (LARAIA, 1986), possuindo preliminarmente uma função técnica com intuito de eludir as forças da seleção natural e que posteriormente contribuiu para a transmigração da condição de caçador-coletor para modelos mais abundantes de supervivência. Com a atividade cerebral humana favorecida, as propriedades cognitivas desenvolveram-se a ponto de desviar o curso evolutivo humano pois “no caso das sociedades, adaptações podem significar destaques do ambiente, pelo uso de uma tecnologia avançada e que busca dominar e controlar a natureza” (DAMATTA, 1987, p. 34), situando-se dessemelhante da resposta puramente biológica dada pelos demais seres vivos a fim de gerar defesas ante os desafios impostos pelas condições ambientais.

De acordo com o livro “A interpretação da Cultura”, o ser humano foi pressionado “a abandonar a regularidade e a precisão do controle genético detalhado sobre (...) conduta em favor da flexibilidade e adaptabilidade de um controle genético mais generalizado sobre ela, embora não menos real” (GEERTZ, 2013, p. 35). O autor acrescenta que no intuito de aprimorar as condições de sobrevivência, o acúmulo de informações significantes constituiu e atribuiu sentido a experiência humana, assumindo natureza simbólica que representa a bifurcação singular traçada pelo ser humano no esquema evolutivo segundo o antropólogo estadunidense Leslie White (1900-1975):

Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos ... Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não

haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano. ... O comportamento humano é o comportamento simbólico. Uma criança do gênero *Homo* torna-se humana somente quando é introduzida e participa da ordem de fenômenos superorgânicos que é a cultura. E a chave deste mundo, e o meio de participação nele, é o símbolo. (WHITE, 1955 *apud* LARAIA, 1986, p. 55)

Para o antropólogo Geertz (2013), “Tais símbolos são, portanto, não apenas simples expressões, instrumentalidade ou correlatos de (...) existência biológica, psicológica e social: eles são seus pré-requisitos” (GEERTZ, 2013, p. 35).

Os signos culturais e suas bases simbólicas são o fator chave que admite a singularidade humana no reino animal, visto que “homens se diferenciaram porque tornaram-se homens, e tornaram-se homens porque responderam de modo específico a estímulos universais” (DAMATTA, 1987, p. 34):

O homem, assim, é o único animal que fala de sua fala, que pensa o seu pensamento, que responde a sua resposta, que reflete seu próprio reflexo e que é capaz de se diferenciar mesmo quando está se adaptando a causas e estímulos comuns. (DAMATTA, 1987, p.34)

A Revolução Cognitiva possibilitou raciocínios até então insólitos, estimulando inéditas matrizes de comunicação nas sociedades primitivas espalhadas pelo mundo. Surge dessa experiência uma infinidade de símbolos e conseqüentemente de culturas que igualmente evoluem mediante as capacidades comunicacionais correntes em estado fluido, projetando valores e ideologias conscientemente elaboradas que resistem ao tempo por meio da reprodução. Desde a realização do exercício das expressões humanas, a cultura fez prosperar sociedades como nunca antes pois as confluências entre seres humanos “criam padrões ordenados - tais como redes de negócios, **celebrações em massa** e instituições políticas - que jamais poderiam criar de forma isolada” (HARARI, 2015, p. 46) (grifo nosso). Dessa maneira, o homem

desenvolvera idiomas, criara instituições sociais reguladoras da vida familiar e grupal e intensificadoras do sentimento de lealdade étnica. Acumulava patrimônios de saber e de crenças que explicavam sua experiência e orientavam sua ação; bem como fantasmagorias, através das quais procurava alcançar segurança emocional em face dos riscos a que estava sujeito e dos quais se tornara consciente, como a dor e a morte (RIBEIRO, 1978, p. 66)

A cooperação pela manutenção da sobrevivência em grande escala depende da criação de algum tipo de arranjo social capaz de unir diferentes indivíduos pelo mesmo propósito e reger as atividades humanas direcionadas ao enfrentamento dos obstáculos universais. A “cola mítica” (HARARI, 2015, p. 47), ou seja, os mitos que atuam como uma goma unificadora de seres humanos, é a responsável pela aglomeração e condução social, ideológica e cultural de grupos numerosos. No entanto, a disposição de recursos e as várias consciências em ação resultaram em tensões que fragmentaram e dispersaram tribos, pressionando-as a se adaptar “às condições mesológicas mais contrastantes, através da diversificação e especialização de seus patrimônios culturais” (RIBEIRO, 1978, p. 66). Para Harari (2015),

É razoável pensar que a variedade étnica e cultural entre os antigos caçadores-coletores fosse igualmente impressionante e que os 5-8 milhões de caçadores-coletores que povoaram o mundo à véspera da Revolução Agrícola se dividissem em milhares de tribos com milhares de idiomas e culturas diferentes. Esse, afinal, foi um dos principais legados da Revolução Cognitiva (HARARI, 2015, p. 54)

Destarte, a distinção étnica é de natureza simbólica: “homens não se separam por meio de espécies, mas pela organização de suas experiências, por sua história e pelo modo com que classificam suas realidades internas e externas” (DAMATTA, 1987, p. 24). O sistema de simbolismos que une certos indivíduos e separa outros é fruto do caráter dinâmico das culturas, sendo que elas

se desenvolvem pela acumulação de compreensões comuns e pelo exercício de opções, como um desdobramento dialético das potencialidades de conduta cultural, cuja resultante é o fenômeno humano em toda a sua variedade (RIBEIRO, 1978, p.37)

pois

Desde a Revolução Cognitiva o *Homo sapiens* tem sido capaz de revisar seu comportamento rapidamente de acordo com suas necessidades em constante transformação. Isso abriu uma via expressa de evolução cultural, contornando os engarrafamentos da evolução genética (HARARI, 2015, p. 41)

Submetidas ao particularismo histórico, as expressões humanas resultam da infinidade simbólica que a atividade cerebral é capaz de produzir perante dadas condições, permitindo uma variabilidade de representações visuais, sonoras, motoras, entre outros recursos culturais que guiam e destinam propósitos no seio das sociedades. Para o antropólogo Clifford Geertz (2013),

O apoio cada vez maior sobre os sistemas de símbolos significantes (linguagem, arte, mito, ritual) para a orientação, a comunicação e o autocontrole, tudo isso criou para o homem um novo ambiente ao qual ele foi obrigado a adaptar-se (GEERTZ, 2013, p. 35)

Isso ocorreu por conta da expansão do neuroeixo humano em conjunto com a cultura, tornando inviável o desenvolvimento humano na ausência de sistemas simbólicos. Logo, a

imensa diversidade de realidades imaginadas que os sapiens inventaram e a diversidade resultante de padrões de comportamento são os principais componentes do que chamamos de “culturas”. (HARARI, 2015, p. 46)

A respeito dos sistemas culturais,

Do ponto de vista de qualquer indivíduo particular, tais símbolos são dados, na sua maioria. Ele os encontra já em uso corrente na comunidade quando nasce e eles permanecem em circulação após a sua morte, com alguns acréscimos, subtrações e alterações parciais dos quais pode ou não participar (GEERTZ, 2013, p. 33)

Tais acréscimos, subtrações e alterações parciais podem corresponder a uma mudança interna, “resultante da dinâmica do próprio sistema cultural” (LARAIA, 1986, p. 96) e que geralmente apresenta lentidão quanto ao ritmo temporal; ou externa, “que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro” (LARAIA, 1986, p. 96), podendo manifestar-se como uma transformação em ritmo mais ágil. Darcy Ribeiro esclarece que “as culturas são construídas e mantidas por sociedades que não existem isoladamente, mas em permanente interação umas com as outras” (RIBEIRO, 1978, p. 38), permitindo não só a dilatação da bagagem cumulativa como também a diversificação cultural. O ser humano, portanto, não é “nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural

estabelecido” (GEERTZ, 2013, p. 38) pois “cada sistema cultural está sempre em mudança” (LARAIA, 1986, p. 101).

A cultura moldou o *Homo sapiens* como espécie singular frente a outros seres vivos e da mesma maneira molda características ímpares entre sujeitos que compõem a mesma espécie (GEERTZ, 2013). As expressões humanas desenvolveram-se enquanto símbolos diversificados, abundantes em significados e sentidos que movimentam-se ininterruptamente a partir de forças diversas. Embasadas em percepções sensoriais da realidade, as expressões foram e são continuamente adaptadas a conjuntura externa em que se manifesta, atuando como resposta a estímulos ecumênicos. As modificações que ocorrem em âmbito cultural decorrem de eventos históricos como fenômenos naturais, avanços tecnológicos, contato com sistemas simbólicos distintos, conflitos, questionamentos da ordem, entre outros. E

Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir (LARAIA, 1968, p. 101).

2.2 ASPECTOS CONCEITUAIS E TÉCNICOS

Atualmente, o senso comum entende por cultura o patrimônio de conhecimentos de uma pessoa ou grupo cultural, abrangendo padrões de comportamento, crenças, costumes e outros que diferenciam pessoas e grupos sociais. As formas ou etapas evolutivas de legados e preceitos morais, éticos e espirituais de uma sociedade, bem como o complexo de atividades, instituições e padrões sociais emparelhados a criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins também são admitidas como cultura para parte significativa dos indivíduos.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 trata da questão cultural enquanto patrimônio, cujo são

Art. 216. (...) os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, CAPÍTULO III, SEÇÃO II, ART. 216) (grifo nosso)

Posto isso, a “cultura é constitutiva da ação humana: seu fundamento simbólico está sempre presente em qualquer prática social” (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2008, p. 31) até porque “sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens” (GEERTZ, 2013, p. 35).

Para o Turismo, a cultura representa o conjunto de bens e patrimônios materiais e imateriais simbólicos que manifesta memória e identidade de determinada sociedade, constituindo tanto a experiência turística em determinado destino, quanto a motivação enquanto segmento do setor (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010). A cultura é resultante da construção social de uma “experiência inegavelmente histórica” (BAUMAN, 2012, p.19) em determinado cenário, firmando a paisagem cultural que

guarda os vestígios e testemunhos passíveis de leituras espaciais e temporais resultantes da interação do homem com a natureza e, reciprocamente, da natureza com homem, sintetizando aspectos das dimensões tangíveis e intangíveis do patrimônio cultural (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 17).

Logo, a cultura e seus aspectos envolvem

todas as formas de comunicação simbólica como a linguagem, as formulações explícitas de conhecimentos com respeito a natureza e a sociedade, os corpos de crenças e as ordens de valores, bem como as explanações ideológicas, em cujos termos os povos explicam e justificam seu modo de vida e de conduta (RIBEIRO, 1978, p. 43)

O comportamento humano simbólico, amparado na ideação de instintos artificiais, oscila “entre a “criatividade” e a “regulação normativa”” (BAUMAN, 2012, p.19). Os modos de criar, viver, fazer evidenciam a face dúbia da cultura que é capaz de moldar a realidade por meio da imensurável aptidão inventiva mas a faz a partir do “estreitamento do leque de possibilidades” (BAUMAN, 2012, p.19) dos adeptos, manipulando fronteiras entre aceitável e inaceitável, certo e errado, bom e ruim, sagrado e profano e assim por diante (BAUMAN, 2012).

Para isto, a cultura deve ser considerada “não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento”. Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos de cultura (GEERTZ, 2013 *apud* LARAIA, 1986, p. 62).

Por isso,

A contingência de gerar-se dentro destes enquadramentos uniformizadores é que permite às culturas evoluir direcionalmente. Em lugar de recomeçarem sempre a partir de suas bases, concatenam as atividades humanas através de gerações, para compor seqüências evolutivas equivalentes às da evolução da vida (RIBEIRO, 1978, p. 37)

Os arranjos pelos quais a realidade humana se estrutura decorrem de experiências pessoais e coletivas enquanto formas de operar a vida humana a partir da leitura acumulativa que desta se faz, pois “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo” (BENEDICT, 1972 *apud* LARAIA, 1986, p. 67). O sistema de signos e significados desenvolvido multilinearmente por diversos povos é

responsável pelo enquadramento da vida social dentro de corpos de herança cultural, transmitidos de geração a geração, e que faz com que todos os desenvolvimentos posteriores dependam das características do patrimônio preexistente (RIBEIRO, 1978, p. 37)

Segundo Laraia (1986),

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 1986, p. 68)

O condicionamento comportamental fundamentado na formulação simbólica por meio do exercício da cultura provoca reações depreciativas quando defronta condutas digressivas, ou seja, expressões humanas e formas de criar, viver e fazer que se revelam diferentes do padrão a que se está inserido, submetido e habituado. Segundo Laraia, o “fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural” (LARAIA, 1986, p.72), apontando que esta inclinação etnocêntrica é a raiz de numerosos conflitos sociais.

Contudo, o fenômeno cultural assume natureza mediadora por meio de suas dinâmicas quando a cultura tanto interna quanto externa é ampla e igualmente

entendida como o patrimônio simbólico dos modos padronizados de pensar e de saber que se manifesta, materialmente, nos artefatos e bens; expressamente, através da conduta social e, ideologicamente, pela comunicação simbólica e pela formulação da experiência social em corpos de saber, de crenças e de valores (RIBEIRO, 1978, p. 34).

que

evoluindo por adições de corpos de significado e de normas de ação, e difundindo-se pela aprendizagem, pode experimentar mudanças rápidas, propagá-las sem grandes limitações espaciais ou temporais, e redefinir-se permanentemente, compondo configurações cada vez mais inclusivas e uniformes (RIBEIRO, 1978, p. 37).

Cabe ponderar que as configurações inclusivas se dão por intermédio da adaptabilidade que abrange novos ordenamentos a fim de ajustar-se a realidade externa ambiental, social, política, econômica e etc. No que tange as configurações uniformes, a cultura cria padrões de comportamento alicerçados em projeções mentais - possíveis graças a revolução cognitiva - que direcionam as possibilidades a fim de estabelecer o controle em grupos de seres humanos, reduzindo aleatoriedades e, conseqüentemente, imprevistos.

A cultura, de forma simplificada, pode ser entendida como o vazio passível de preenchimentos subjetivos tanto pessoais quanto coletivos entre o que o corpo anuncia como necessidade e o que é necessário conhecer para gerar o funcionamento eficiente, garantindo o atendimento as questões humanas em fluxo de transformação contínuo (GEERTZ, 2013). Biologicamente, “todos nós começamos com o equipamento natural para viver milhares de espécies de vidas” (GEERTZ, 2013, p.33) mas em decorrência dos processos e sistemas culturais em que nascemos, crescemos, aprendemos e reproduzimos, “terminamos por viver apenas uma espécie” (GEERTZ, 2013, p. 33). Admitido isso, todo o comportamento humano é regido a partir da cultura e expressado por vias alusivas que tornaram-se possíveis por intermédio da mesma premissa. Assumindo diferentes formas, a cultura contemporânea adaptou comportamentos antigos, lançando mão de novas expressões que respondem simbolicamente a conjuntura atual como é o caso do fenômeno *Psytrance*.

CAPÍTULO 3: PSYTRANCE

Eletronic Dance Music Culture, popularmente conhecido como “música eletrônica”, é um gênero musical produzido sinteticamente por meio de tecnologias eletrônicas e possui diversas vertentes e subgêneros. Dentre tais categorias encontra-se o *Trance Psicodélico* ou *Psytrance*, nascido nas últimas décadas do século XX a partir do experimentalismo em um contexto histórico sociopolítico iliberal e hostil. Fundamentado em ideologias humanitárias difundidas por movimentos sociais do período, o fenômeno *Psytrance* “revela forte inclinação à junção de diversos elementos culturais, musicais e estilísticos” (FRANCO, 2016, p. 12), conectando ideologias e culturas entre Ocidente e Oriente de forma a evidenciar uma perspectiva de mundo que descarta a ideia de fronteira enquanto artifício potencial fomentador de etnocentrismo, intolerância e discriminação.

Percebido como cultura devido a presença de elementos que configuram expressões humanas e maneiras de ser, viver e fazer, o *Trance Psicodélico* ganhou proporção mundial a medida que simpatizantes de causas antiguerras, ecológicas, correntes espiritualistas, esotéricas, místicas e ocultas bem como críticos do *status quo* identificaram-se ideologicamente com o fenômeno. A psicodelia, que consiste em efeitos sobre a psique resultantes de experiências sensoriais, é explorada no âmbito do *Trance Psicodélico* tanto a partir de tecnologias eletrônicas sonoras e visuais, quanto a partir do uso de psicoativos -ou até mesmo da combinação de ambos-, buscando a expansão da consciência humana.

Os festivais são o principal espaço onde o *Psytrance* se manifesta e dinamiza pois reúne um público diverso promovendo a interação entre pessoas de diferentes nacionalidades, classes sociais, ideologias e culturas, fomentando momentos de lazer, entretenimento e ludismo, reflexos de espontaneidade, troca de informações informais, bem como o espírito de confraternização e celebração, efeitos de efervescência e delírio e expressões humanas que manifestam memória, identidade, modos de ser, viver e fazer a partir de simbologias diversas como vestuários, música e a dança, oportunizadas por intermédio de criações artísticas e tecnológicas. Por fim, promove o Turismo, pois constitui experiência

turística tal qual a própria motivação para o deslocamento de pessoas, conforme percepções expostas na pesquisa de campo empregada neste capítulo, no decorrer do subcapítulo III.III, dialogando com a pesquisa exploratória.

A pesquisa de campo, do qual se utilizou de entrevista e questionário, foi realizada virtualmente por intermédio de recursos digitais como aplicativo de mensagens instantâneas e também ferramentas do Google como o formulário, não limitando-se a abordar um evento específico ou uma região específica, sendo os dados obtidos interpretados diante de uma perspectiva de abrangência geral. Em um período de 46 dias, de 16 de novembro de 2019 a 31 de dezembro de 2019, foram entrevistadas 33 pessoas entre frequentadores de eventos de *Psytrance*, organizadores, pessoas que não se identificam como consumidoras dessa modalidade de festividade, dentre outros perfis que evidenciam a aleatoriedade dos participantes. A pesquisa de campo possibilitou o registro de olhares empíricos da sociedade acerca do fenômeno, fundamentais para a busca da essência de eventos de *Psytrance*.

3.1 ASPECTOS ORIGINÁRIOS

Entre as décadas de 1940 e 1950 do século XX, diante da contemporaneidade pós-guerras de dimensões mundiais e em quadro de Guerra Fria e do Vietnã, com vigor industrial-capitalista, cristão-puritano e, por isto mesmo, de índole impositiva e opressora, ascende dentro dos limites territoriais estadunidenses transformações sociais de base ideológica, antagônicas a ordem conservadora e que posteriormente espalharam-se pelo mundo. Nascido na Universidade de Columbia, Nova Iorque, inoculado na cultura negra em razão da apreciação pelo *Jazz*, o movimento *Beat*, configurado preliminarmente como um movimento literário, foi promovido por jovens escritores sendo os principais Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William S. Burroughs, que apresentavam-se críticos ao modelo consumista de sociedade encorajado por políticas mercantilistas do período (BENEVIDES, 2006).

Os correligionários que se ampliavam exponencialmente formando a *Geração Beat* projetavam oposição quanto a massificação da sociedade, bem

como a sistemas totalitários e ao belicismo (BARROS, 2019), denotando protestos em relação à configuração sociopolítica tradicional. Segundo Benevides (2006),

As insatisfações desses jovens não eram orientadas pela lembrança de tempos difíceis. Ao contrário, para eles os tempos de opulência eram os únicos que conheciam e isso os levava a crer na possibilidade de se construir um mundo diferente e melhor, mesmo que não soubessem exatamente como (BENEVIDES, 2006, p. 32).

Os valores propostos pelos *Beat* voltavam-se a “um estilo de vida alternativo” (BENEVIDES, 2006, p. 31), pautados na liberdade, na arte e no prazer. O movimento em questão buscava a subjetividade, a pureza do espírito, a unidade entre arte e vida, a transgressão (BARROS, 2019). Para tal, o uso de substâncias lisérgicas e de entorpecentes leves como a *Cannabis* assim como a aproximação com a espiritualidade e ideologia oriental, fez-se oportuno e foi largamente praticado. Manifestações pela liberdade de expressão, pelos direitos das minorias, pela preservação do meio ambiente, pela paz mundial e em oposição a políticas antidemocráticas ganharam grande repercussão nos Estados Unidos durante a década de 1950, embora a cultura e a educação fossem restritas as altas classes. A *Geração Beat* desafiou a sociedade conservadora colocando sob a luz pautas vanguardistas que provocaram embates em razão do choque de princípios que ameaçava desestruturar as bases sistêmicas oligárquicas burguesas.

Amparado em contribuições científicas em áreas como filosofia, artes, antropologia, psicologia e mais, o movimento firmou-se na influência de personalidades como Timothy Leary (1920-1996), importante neurocientista e psicólogo que difundiu o uso de *Lysergsäurediethylamid*, popularmente conhecido como LSD, que consiste em um ácido com efeito lisérgico; Aldous Huxley (1894–1963), escritor e filósofo que buscou explorar as faculdades mentais humanas utilizando alucinógenos, inclusive o Peyote -cacto empregado em cerimônias e rituais indígenas da América do Norte há mais de mil anos-; e Allen Ginsberg (1926–1997), poeta questionador do *status quo* que produziu obras literárias reacionárias sob efeito de psicoativos (FRANCO, 2016). Franco (2016) evidencia que

Os três foram profundamente influenciados pelo Hinduísmo, Taoísmo e Budismo, (...) abordando temas como espiritualidade, crítica política ao capitalismo e cristianismo, e a natureza do uso de substâncias psicoativas, formando então as bases ideológicas da Contracultura (FRANCO, 2016, p. 17)

As visões críticas de mundo expressas pela geração *Beat* influenciaram artistas, músicos, entusiastas e principalmente os jovens inconformados da época. As ideologias inspiraram revoluções culturais, fornecendo condições para o surgimento de variantes musicais irreverentes do ritmo as letras, do visual a postura e assim por diante. Bandas como *The Beatles* não só identificaram-se com os discursos como o disseminaram em suas composições que relataram experiências de uma existência *underground* - abaixo da superfície, fugindo de padrões comerciais e modismos enquanto trava batalha contra a imposição de um modelo cultural a ser seguido. O uso de substâncias psicoativas ensejou a produção de obras consideradas indecorosas e alucinantes, evidenciando o caráter “psicodélico” que permeia as expressões humanas do movimento *Beat* e de movimentos posteriores alicerçados nos valores propostos por eles.

Na década de 1960 o desenvolvimento tecnológico eletrônico permitiu tanto a criação inorgânica de sons e melodias, quanto a sua rápida propagação pelas inovações comunicacionais da época. A tecnologia permitiu a introdução de elementos psicodélicos nas estruturas musicais, explorando os sentidos humanos a partir de estímulos sonoros sintéticos. As

músicas nos estilos Folk, Blues e Rock n’ Roll, principal instrumento de coesão da Contracultura, tornaram-se psicodélicas, com o surgimento do Rock Psicodélico de Jimmy Hendrix, The Doors, The Beatles, Janis Joplin, The Grateful Dead, The Beach Boys, Jefferson Airplane, Pink Floyd, The Velvet Underground etc, profundamente influenciado por experiências com LSD, Mescalina, *Cannabis* e outras substâncias psicoativas (FRANCO, 2016, p. 18)

Com ideologias alinhadas às perspectivas libertárias dos decênios anteriores, consubstanciou-se o movimento *Hippie*, pleiteando a ampliação das liberdades individuais e a autonomia de si - sobre o próprio corpo, a mente e o espírito.

O movimento *Hippie* teve origem na Califórnia, EUA e em Londres, RU, tornando ambas localidades os principais núcleos formadores desta cultura

(FRANCO, 2016). Impulsionado pela *Geração Beat* e seus legados, o movimento *Hippie* acentuou o discurso emancipatório, pacífico, multiculturalista e anticonsumista, configurando uma nova força fomentadora de comportamento e conduta alternativa ao arranjo dominante, ou seja, contracultural. Os meios de comunicação rapidamente expuseram o fenômeno bem como seus principais personagens, isto intensificou significativamente as dimensões assumidas pela cultura *Hippie* em meados da década.

Para além do campo ideológico, o movimento materializou-se em peças de roupa reutilizadas e personalizadas, nos acessórios customizados e feitos a partir de materiais não reconhecidos como nobres, nos cabelos quanto ao estilo do corte ou penteado (inclusive na ausência tanto de corte quanto de penteado), na linguagem em relação a ampla utilização de informalidades e dialetos, no uso de estampas coloridas e étnicas (com destaque as indianas mas também, a grosso modo, indígenas e tribais), na conduta que uniu elementos convenientes de diferentes culturas, entre outros.

Firmado e cada vez atraindo mais adeptos, o movimento alcançou o status de Contracultura para a mídia estadunidense, apesar de situar-se caracteristicamente como movimento contracultural desde a *Geração Beat*, pois já se contestava a determinação de um padrão cultural (TELES, 1998). O momento mais representativo foi no período chamado “verão do amor”, em que o festival *Woodstock Music & Art Fair* foi realizado em uma fazenda na cidade de Bethel, Nova Iorque. Condecorado como o símbolo da contracultura e do movimento *Hippie*, o festival idealizado e produzido por Artie Kornfeld, Michael Lang, John Roberts e Joel Rosenman teve início em 15 de agosto de 1969, **“celebrando a vida, a natureza e a música nos moldes de uma comunidade temporária, durante três dias de apresentações”** (grifo nosso) (FRANCO, 2016, p. 18).

Segundo matéria na revista *Ciência e Cultura*, para Emiliano Ravello, sociólogo e pesquisador da Universidade de Brasília, o evento “Revolucionou não somente a forma de o artista cantar e compor, sua performance no palco, mas também os hábitos culturais da sociedade” (RIVELLO, ano *apud* MARIUZZO, 2009, p. 60). No tocante da programação artística e musical, “Jefferson Airplane, Jimi Hendrix, The Grateful Dead, The Who, Janis Joplin e Crosby, Stills, Nash &

Young foram alguns dos nomes confirmados para tocar no festival” (RUAS, 2013, p. 60). Com conteúdo polêmico e intérpretes subversivos, o Rock’n’roll -principal gênero musical contemplado no evento- operou como meio de comunicação, exprimindo uma leitura coletiva da realidade saturada de críticas, anseios, expectativas e utopias.

No que tange as questões infraestruturais, o evento cumpriu-se

com boa dose de improviso, inclusive no nome, o plano era que o encontro ocorresse na cidade de Woodstock, que durasse só três dias, que não chovesse torrencialmente, que os músicos seguissem o programa estabelecido, ao invés de tocarem noite adentro, mas apesar disso, ou por causa disso, o festival causou, sim, muita sensação (MARIUZZO, 2009, p. 60)

A matéria de Patrícia Mariuzzo prossegue, evidenciando que foi vendido cerca de 180 mil ingressos mas que o evento acabou tornando-se gratuito perante o grande número de pessoas que chegavam ao local que superlotou (MARIUZZO, 2009). Segundo a autora, a "multidão fez sua própria música, experimentou sexo, drogas, compartilhou comida, convivendo por três dias com sujeira, lama e falta de estrutura" (MARIUZZO, 2009, p. 61). A respeito de psicoativos e seu uso frequente no evento, esclarece-se que

As drogas como a maconha, o LSD representavam não só no festival como em toda a década o olhar atento e crítico da opinião pública como um todo. Para os "caretas", denominação dada àqueles que não consumiam drogas, estas (drogas) representavam algo perigoso para a sociedade e que certamente levaria os jovens a "loucura" e conseqüentemente os tornaram mais "violentos" e "rebeldes". Diferentemente do que muitos pensavam, as drogas para a geração woodstockiana, funcionava como um "veículo" que os conduziria a uma nova forma de pensar a realidade, e que juntamente com os misticismo e os cultos naturalistas levariam a uma outra maneira de encarar a natureza e o corpo, revelando assim mais uma vez o caráter libertário e pacifista da geração que buscava paz (TELES, 1998, p. 39)

Para Franco, “ali se consolidava a famosa máxima “Sexo, Drogas e Rock n’ Roll”” (FRANCO, 2016, p. 17). Contudo, a sentença aufere legitimidade em certos níveis por fomentar simbolicamente alguns ideais contraculturais como o de liberdade sexual, de autonomia de si para explorar as próprias subjetividades como também a liberdade de expressão, assumindo e disseminando uma

mensagem contestatória frente a organização social, cultural e política tradicionalista.

Segundo a historiadora Adriana de Almeida Teles,

Em síntese, os participantes do festival, ao levarem para aquele espaço as suas verdades incertas, quebraram pacificamente os regulamentos estipulados com antecedência e foram, juntos, contornando os imprevistos, improvisando alternativas, elaborando formas de convivência baseadas na liberdade e no respeito mútuo. (TELES, 1998, p. 27)

Ainda sob as considerações de mesma autoria, o festival foi um evento que sobrepôs os limites da fazenda, "ultrapassando fronteiras, quando o ponto de união é a cultura que se fez expressa de várias formas, elaborando hábitos, e ao mesmo tempo, sendo reelaboradas" (TELES, 1998, p. 24). Portanto,

Woodstock foi muito mais do que um festival de música, ele foi um movimento social e cultural, mas foi também um momento, uma realização para àqueles que precisavam de espaço para manifestarem sua forma de ser, pensar e agir, foi um movimento de liberdade. (RUAS, 2013, p. 61)

Mais adiante, adentrando no decênio de 1970, conforme apresentado nos aspectos originários do capítulo I, vários países atravessavam opressoras ditaduras militares desde meados da década anterior. O aumento progressivo de sequazes a ideologias fora dos limites do conservadorismo e capitalismo contribuiu indiretamente para a restauração de ditames que buscavam restabelecer o controle social, cultural, político e econômico, ocasionando declínio da popularidade do movimento *Hippie*. Nesse período desenvolveram-se tecnologias nos campos eletrônicos e da comunicação com a produção de microprocessadores comerciais que revolucionaram a experiência humana com o posterior engendramento dos computadores pessoais.

O incremento computadorizado promoveu, além de uma atmosfera supositiva em relação ao futuro, novas formas de criar e realizar. Na Europa, por ação dos processos de globalização, surgem transformações significativas na música quando o grupo alemão *Kraftwerk*, utilizando tecnologia eletrônica sonora, produziu melodias geradas sinteticamente e músicas cantadas com instrumento sintetizador capaz de manipular sons, sendo considerado os precursores da

música eletrônica. Uma das principais obras do grupo foi o álbum *Die Mensch-Maschine* (1978), com músicas que exprimiam as narrativas da década de 1970 como a vida urbana, a tecnologia e o espaço sideral - devido a corrida espacial entre as duas hegemonias mundiais, EUA e URSS (MOREIRA, 2014). Além do conteúdo revolucionário, a capa do disco remete a um teor contestatório sobretudo para a conjuntura mundial do período, representada claramente no país de origem do grupo que esteve dividido por anos, após a derrota na Segunda Guerra Mundial, em Alemanha Ocidental e Oriental enquanto reflexo da polarização sistêmica e ideológica que deu início a Guerra Fria.

Fotografia 1 - Capa do álbum “Die Mensch-Maschine” do grupo Kraftwerk, lançado no ano de 1978



Fonte: Salles (2019)

O viés póster da musicalidade do grupo *Kraftwerk* desencadeou a difusão do estilo eletrônico pelo mundo, dando suporte para criações musicais baseadas nos resultados do experimentalismo. Paralelamente, surgiam campos dentro de ambientes urbanos para encontros de convivência com trilhas sonoras manipuladas eletronicamente. A dissertação de Nathália Araújo Moreira expõe que

Em meados da década de 1970, a chamada disco era a música que ‘sacudia’ os clubes de dança, não por acaso chamados de discotecas, sobretudo nos Estados Unidos. O movimento musical iniciado por grupos marginalizados formados por gays, negros, latinos e mulheres (as divas), tinha como foco a liberdade de expressão e a alegria na pista de dança, com diversos passos coreografados. (MOREIRA, 2014, p. 42)

As músicas dançantes com elementos sintéticos popularizaram-se e abriram caminhos para a formulação de outras vertentes da música eletrônica experimentadas nas discotecas como o *techno*, *house* e o *drum'n'bass* (MOREIRA, 2014). Os eventos que no final da década de 1970 e início de 1980 comportaram esses novos ritmos caracterizam-se pela longa duração -cerca de 12 horas ou mais-, pelo uso de psicoativos e pela ocupação de galpões em desuso e subsolos em centros urbanos de países como Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e outros (FRANCO, 2016). Essa modalidade de evento ficou conhecida como *Acid Party*, assumindo posteriormente o pronome *Rave* (GUSHIKEN, 2004). Segundo o autor Renato Macedo Machaim Franco,

Em decorrência de conflitos com as autoridades e setores conservadores da sociedade, estas festas adquiriram um caráter *underground*, por serem escondidas e cada vez mais afastadas da cidade, passando posteriormente a serem realizadas em chácaras, sítios e fazendas (FRANCO, 2016, p. 19)

O mundo ocidental em 1980, segundo Gushiken (2004), tinha como contexto a enérgica propagação de doutrinas neoliberais, repercutindo significativamente nos setores econômico e social. Ainda de acordo com o autor,

Um certo estado de ânimo – negativo – varreu o mundo ocidental a partir do epicentro das grandes metrópoles do mundo capitalista, que passaram a praticar, nesta dita Era da Informação, muito mais um capitalismo especulativo do que produtivo (GUSHIKEN, 2004, p. 33).

Concomitantemente, o declínio da popularidade do movimento *Hippie* no decorrer dos anos 1970 ocasionou o êxodo dos simpatizantes para o Oriente, buscando aproximar-se de suas ideologias e utopias em desacordo com o arranjo dominante. Um dos locais onde os *hippies* instalaram-se foram as praias desertas e paradisíacas do estado de Goa, na Índia: “Tida como berço da espiritualidade pelos hippies e mochileiros, Goa, desde o início da década de setenta abrigava comunidades de hippies expatriados” (MOREIRA, 2014, p. 19).

O desembarque de diversos estrangeiros permitiu fluxos de contato entre diferentes pessoas de diversas localidades que trouxeram suas culturas,

subjetividades e novidades para o local. Segundo Franco (2016), a obra *The Local Scenes and Global Culture of Psytrance* do autor Graham St John evidencia que

as praias desertas de Goa foram sendo povoadas por um número cada vez maior de viajantes ocidentais, movimento que provocou profundas modificações nas dinâmicas econômicas e culturais da região, na medida em que envolvia turismo exótico, tráfico de drogas e festivais de música. (FRANCO, 2016, p. 19)

Assim estrutura-se um novo quadro contracultural em Goa, intensificado pelos processos globalizadores a partir do fluxo de viajantes que funcionavam como uma ponte Ocidente-Oriente. Essa ponte coadjuvou a somatória de elementos necessários para a geração de novas formas de enxergar e expressar o mundo, pois transportava a tecnologia ocidental e suas novidades (música eletrônica, caixas de som, geradores a diesel, drogas sintéticas e outros) para o campo de buscas e descobertas espirituais e ideológicas do Oriente (símbolos hindus como Ganesha e Shiva, Ohm, Ying e Yang e outros). Logo, “viajantes e músicos de diversas partes do mundo começaram a criar o hábito de se congregarem em festas nas praias e nas montanhas indianas” (MOREIRA, 2014, p. 58), sendo que estes “visitantes foram então denominados *freaks*” (FRANCO, 2016, p. 20), bem como os usuários de substâncias psicoativas. Para o geógrafo Arun Saldanha, foi **“hora de apreciar a música eletrônica de Goa não só como ‘música’, mas como um evento”** (SALDANHA, 2001, p. 5 *apud* MOREIRA, 2014, p. 58). Essa transfiguração contracultural foi

protagonizado pelos *freaks* e hippies, o qual tecia conexões transnacionais com São Francisco, Londres, Amsterdã, Ibiza e outros grandes pólos urbanos associados à cultura musical psicodélica. A música eletrônica, a esta altura, já era largamente produzida e consumida na Europa e nos EUA. (FRANCO, 2016, p. 20)

Durante o decênio popularizou-se o entorpecente sintético MDMA, popularmente conhecido como *Ecstasy* ou “droga do amor” (devido a seus efeitos causadores de empatia), desenvolvido na Europa (MOREIRA, 2014). Esse fato contribuiu para a perda da função fulcral do LSD para os movimentos contraculturais da época (FRANCO, 2016). O emprego do estimulante fez-se

habitual no contexto de encontros de convivência de música eletrônica e psicodélica, do Ocidente ao Oriente. Mais adiante,

Da segunda metade dos anos 80 até o início da década de 1990, o que movimentava a juventude europeia era o *acid house*, enquanto na Índia os frequentadores das praias de Goa começavam a elaborar festas movidas pelo *techno*. DJs, produtores e viajantes de diversas partes do mundo migraram para o balneário indiano, a fim de promover eventos voltados à psicodelia e à música eletrônica (MOREIRA, 2014, p. 57 e 58)

Próximo a transição das décadas de 1980 para 1990, a música eletrônica e suas variantes alcançaram importante marco no período chamado “segundo verão do amor”: no ano de 1987, em Ibiza, Espanha, registrou-se “o primeiro encontro entre a música eletronicamente construída, a pista de dança ao ar livre e o uso disseminado do ecstasy” (MOREIRA, 2014, p. 48) que perdurava por dias. A fim de remontar a atmosfera festiva de Ibiza na Inglaterra, surge nos armazéns de Londres eventos semelhantes em que, de acordo com a tese “Noites-Máquinas: Comunicação e Subjetividade em Festas Rave”,

Ainda sob o nome de Acid House, o movimento ganha sotaque inglês na medida em que mistura ritmos oriundos dos EUA e dá a ver as primeiras grandes aglomerações de jovens e seus elementos de guerra: formação de multidões, música alta, roupas coloridas, drogas variadas (GUSHIKEN, 2004, p. 33)

A considerável dilatação do público em consonância com o aumento de eventos e festividades dessa natureza resultou em projeções coletivas de medo, terror e fobia pautados no moralismo conservador de sociedades onde foram realizadas as *Acid Parties*. De acordo com Gushiken, “Os receios locais migraram para a mídia, ganharam dimensão de problema sociopolítico e passaram a ser tidas como questão de Estado” (GUSHIKEN, 2004, p. 33).

Ao final do decênio, “emblematicamente, poucos meses antes da queda do Muro de Berlim aconteceu a primeira *Love Parade*, celebração festiva que tomou as ruas da antiga e futura capital alemã e corporificou o anseio por paz e união” (MOREIRA, 2014, p. 91). Após a queda do muro houve uma ampliação do panorama musical eletrônico de Berlim, mesclando a música eletrônica do lado

ocidental com a disposição festiva do lado oriental, solidificando-se em todo território alemão. De acordo com Gushiken (2004)

Foram necessários poucos anos para que o fenômeno da multidão rave ganhasse as dimensões numéricas, econômicas e políticas que fizeram dessa **feira viajante** provavelmente o mais importante, se não isto pelo menos o mais visível, fenômeno da cultura jovem na década de 1990 (GUSHIKEN, 2004, p.33) (GRIFO NOSSO)

No princípio dos anos 1990, de “festas quase privadas de pequeno porte, as *acid parties* passaram a grandes eventos, tendo como marca relevante a ilegalidade” (GUSHIKEN, 2004, p.33). Para Moreira, “A clandestinidade das festas na Europa deixa explícito o caráter contestador e desafiador das *raves*” (MOREIRA, 2014, p. 56). Conforme consenso entre diversos autores, os participantes desses eventos driblavam estrategicamente as ações da segurança pública, fato observado, por exemplo, pela mudança no processo de divulgação em que a mesma era realizada via estações de rádio irregulares, com pistas a respeito do local onde seriam consumadas. Tais acontecimentos sobreviveram em um período histórico de transição em que se deu o fim da Guerra Fria e também a democratização de países que passavam por ditadura militar.

No ano de 1992, na Grã-Bretanha, aconteceu a festa *Spiral Tribe*, caracterizada como um evento de grande porte devido cerca de 25 a 40 mil pessoas presentes (MOREIRA, 2014). A multidão que dirigia-se a Castlemorton, Worcestershire, “foi noticiada ao modo de uma invasão criminosa” (GUSHIKEN, 2004, p. 34), fortalecendo um imaginário nocivo fundamentado pelo enfoque restrito ao alto consumo de substâncias entorpecentes, não contemplando outras características do festival que teve duração de seis dias. O tom pejorativo e generalizado utilizado pela mídia deu suporte para repressões por parte do Estado, ocasionando em respostas legislativas e executivas por meio do poder público. A repressão, segundo Nicholas Saunders (SAUNDERS, 1997 *apud* GUSHIKEN, 2004) teve três desdobramentos: I- coação a migração dessas festas para outros locais onde pudessem ser realizadas; II- migração dos serviços envolvidos nos eventos como sistema de sons, e III- o enfrentamento, por parte dos organizadores e do público, as medidas proibicionistas.

Paralelamente, segundo a pesquisadora Ana Flávia (NASCIMENTO, 2006 *apud* MONTEIRO, 2014), o *trance*, variante da música eletrônica

surge no início da década de 1990 na Alemanha, a partir da iniciativa de Paul van Dyk (um dos fundadores da *Love Parade*), Mar Reeder e Torsten Stenzel, que, “influenciados pelo momento histórico, criaram um novo tipo de música eletrônica que refletia a atmosfera da época: eufórica, energética e elevatória” (MONTEIRO, 2014, p.45)

O deslocamento de *hippies*, *freaks*, mochileiros, músicos e toda sorte de adeptos da contracultura do período para destinos orientais, sobretudo Goa, oportunizou a migração do estilo de festejar *Rave*, assim como a música eletrônica para as praias indianas “onde se fundiu à psicodelia característica do balneário” (MONTEIRO, 2014, p. 46). Conforme Franco, ali

se consolidaria de fato o estilo musical conhecido como Goa Trance, cujo principal progenitor foi o Dj Goa Gil, guitarrista das ruas de Haigh-Ashbury que se mudou para Goa, tornando-se discípulo de Bhagwan Shree Rajneesh (mais conhecido como Osho), um líder espiritual polêmico cujas práticas envolviam meditação ativa e amor livre (FRANCO, 2016, p. 20)

Essa nova fusão teria como características “a música eletrônica experimental psicodélica; o uso de substâncias psicoativas e a exploração da *psique*; o contato com a natureza e o discurso ecológico; e a filosofia espiritual de Osho” (FRANCO, 2016, p. 8). Moreira acrescenta que “Com o DJ Goa Gil e seus companheiros, o estilo musical foi direcionado para a espiritualidade oriental, aliando música eletrônica a técnicas do ioga, numa proposta de meditação ativa, que deu origem ao *Goa trance*” (MOREIRA, 2014, p. 46). Segundo Franco (2016),

Experimentando música instrumental juntamente com as novas possibilidades tecnológicas, surgiu um novo conceito de festa, então chamadas *Full Moon Parties* (Festas de Lua Cheia). Neste modelo de festival, encontram-se elementos espirituais e estéticos do Oriente e outras tradições culturais como o xamanismo indígena, o ocultismo e esoterismo europeu, assim como a parapsicologia, ufologia e física quântica; muitos deles intrinsecamente relacionados à cultura jovem alternativa produzida pelo movimento da Contracultura nos anos 1960 (FRANCO, 2016, p. 8)

Sugestionado pelo *Goa Trance*, cria-se o *Psychedelic Trance* ou simplesmente *Psytrance*, concebido em Israel. A partir de então, o gênero musical ramificou-se em subgêneros que diferem entre si seja pela velocidade da música conforme os batimentos por minuto (bpm), seja pelas características dos sons emitidos (ruídos que remetem a computadores, a natureza, ao espaço sideral, dentre outros). A globalização e a migração intensificaram os movimentos envoltos ao cenário musical eletrônico, especialmente o *Psytrance*, e conforme Santos (2013) *apud* Franco (2016) “alguns brasileiros já participavam das festas em Goa” (FRANCO, 2016, p. 22), possibilitando a difusão cultural, musical e tecnológica do fenômeno *Psytrance* no Brasil.

Eventos de *Psytrance* ocorreram no Brasil, a princípio, no estado da Bahia. As praias ermas de Trancoso e Arraial D’Ajuda “serviram de palco para as experiências iniciais do modo de festejar psicodelicamente a *rave* no Brasil” (MOREIRA, 2014, p. 20). Moreira (2014) afirma que

Lá, ao longo do verão, reuniam-se hippies, DJs, buscadores espirituais e mochileiros de diversas partes do mundo para dançar ao ritmo do trance e sob o efeito de psicoativos, em especial o LSD. Por quase uma década, tais festejos permaneceram no anonimato, sendo realizados de forma cooperativa e não lucrativa. Aconteciam nos jardins e quintais de amigos, em chácaras nas zonas rurais, próximas aos grandes centros ou em praias afastadas das cidades. (MOREIRA, 2014, p.20)

Os encontros de convivência motivados pela música *Psytrance* e sua atmosfera espalharam-se pelo sudeste brasileiro: “em meados da década de noventa, na gigantesca São Paulo, a nova forma de festejar ao som de música eletrônica psicodélica tomou conta dos sítios nos arredores da cidade” (MOREIRA, 2014, p. 20), consolidando o cenário musical eletrônico psicodélico paulista. As festas mantiveram-se *underground*, organizadas de forma diletante e espontânea durante alguns anos, estruturando-se a partir da cooperação e engajamento dos participantes.

O aumento significativo de tais encontros de convivência oportunizou contornos mais definitivos quanto a modalidade, “caracterizadas pelo processo de profissionalização dos eventos” (MOREIRA, 2014, p. 20). Em 1993 houve a primeira festa *Rave* do Brasil distinta da atmosfera Goa, trazendo grandes nomes internacionais do cenário eletrônico da época, patrocinada por uma marca de

cigarros e realizada em espaço fechado, dentro do perímetro urbano: a L&M *Rave*, que aconteceu em São Paulo e agitou grande público, repercutindo na mídia. Em 94, foi realizada a Tenda do Além em São Paulo, promovida pelo Dj Dimitri, registrando a primeira *Rave* coordenada de forma independente e *underground* em urbe.

Após a realização desses eventos, houve uma sequência de eventos voltados para música eletrônica quando em 1998, segundo Abreu (2005) *apud* Moreira (2014),

o grupo Xxxperience convidou festeiros para um “ritual” regido pelo “prazer, sonoridades, imagens, psicodelia, misticismo”. Lá os participantes seriam apresentados “ao caminho da harmonia, felicidade plena” a partir da articulação “das energias física, emocional e sexual” com a finalidade de reconhecer “o caráter sagrado de toda a vida” (ABREU 2005, p. 39 *apud* MOREIRA, 2014, p. 20)

Isso foi idealizado a partir da disponibilização de 17 horas de música consecutiva e duas pistas de dança garantidas por uma sonorização com potência de 60 mil watts, telão, área verde com recursos hídricos como cachoeiras, lagos, piscinas, oferecimento de serviços como massagens, vôo panorâmico de balão e performances diversas que incluem pirofagia, malabares, tambores e danças tribais (MOREIRA, 2014).

Segundo Franco (2016), tal qual o Dj Goa Gil, alguns brasileiros tornaram-se discípulos de Osho durante viagens a Goa, em que destaca-se

Dois dos principais personagens que trouxeram a música e o modelo de festivais para o Brasil são Kranti e Swarup, brasileiros idealizadores e produtores de alguns dos primeiros festivais nacionais: Festival do Kranti e Universo Paralelo. Kranti e Swarup, cujos nomes foram dados por Osho em pessoa, são pioneiros na realização de festivais de música eletrônica no Brasil e moradores de Brasília - DF. Ambos começaram seus festivais na Chapada dos Veadeiros no fim da década de 1990 e passaram a difundir a cultura Psytrance no Centro-Oeste. (FRANCO, 2016, p. 22)

A partir dos anos 2000 os eventos de *Psytrance* atingiam dimensões nacionais, sendo apropriados pela indústria e assumindo cada vez mais características comerciais. O aprimoramento tanto da festividade quanto da música permitiu o traçamento de estratégias para ampliar o público. Conforme

Moreira (2014) “como reação ao processo de profissionalização, surgem quase simultaneamente *raves* privadas” (MOREIRA, 2014, p.21) que buscavam recompor a aura primitiva das festas de Goa e do litoral sul baiano, fazendo surgir os festivais de *Psytrance*.

Consolidado mundialmente enquanto ritmo musical, enquanto acontecimento social e enquanto cultura, o fenômeno *Psytrance* desenvolveu-se de forma multilinear até o formato atual com contribuições diversas que desconhecem fronteiras. Reunindo e movendo grande quantidade de pessoas, tal estilo musical e sua cultura envolta ostentam proporções significativas, sobretudo no Brasil, onde se tem realizado periodicamente em moldes variados os encontros de convivência voltados ao *Psytrance*, tendo os jovens como principal público e agente destas celebrações contemporâneas.

3.2 ASPECTOS CONCEITUAIS E TÉCNICOS

Psychedelic Trance, *Psytrance* ou *Trance* Psicodélico é um gênero da música eletrônica que “tem como marca distintiva melodias repetitivas sobre linhas de baixo sintetizado num ritmo bastante acelerado” (MOREIRA, 2014, p. 22) no que diz respeito aos BPM's e foi gerado a partir do *Goa Trance* que, unindo a batida do *Trance* a psicodelia envolta no cenário das praias indianas, deu suporte para novos desdobramentos dentro da cena eletrônica, gerando subgêneros que são explorados na composição da trilha sonora de eventos psicodélicos. As músicas no estilo *Psytrance* são majoritariamente produzidas por elementos sonoros sintéticos, oportunizados pelo incremento tecnológico e computadorizado, promovendo efeitos imaginativos, sensoriais e outros nos ouvintes.

O termo *Psychedelic* equivale a Psicodélico e denomina efeitos alucinógenos sobre a psique. O vocábulo, derivado do grego antigo (MOREIRA, 2014), “foi criado pelo psiquiatra Humphry Osmond em 1953, para designar “algo com a capacidade de ampliar ou manifestar a mente”” (Cashman 1966, p. 17, 18 *apud* NASCIMENTO, 2004, p. 24), revelando, de forma genérica, propriedades psíquicas escassamente exploradas pelos corpos sociais, especialmente os de natureza conservadora. Tal ampliação ou manifestação se dá pelo desequilíbrio

das faculdades mentais induzido por recursos sonoros repetitivos, por recursos visuais evocativos, substâncias psicoativas e por influências externas diversas.

Já a palavra *Trance*, traduzida para o português brasileiro como Transe, corresponde a fenômenos parapsicológicos capazes de alterar estados de consciência. De acordo com a dissertação “Festivais Psicodélicos na Era Planetária” (2004),

Leach definiu o “transe” (de acordo com o *Penguin Dictionary of Psychology*: 1971: 41) como um “estado de dissociação, caracterizado pela falta de movimento voluntário e freqüentemente por automatismo no ato e pensamento, representados pelos estado hipnótico e mediúnico”. Assim entendido, transe pode compreender dissociação mental completa ou apenas parcial e é com freqüência acompanhado de visões excitantes ou “alucinações”, cujo conteúdo nem sempre é lembrado subsequente de maneira tão clara. O autor destaca que os estados de transe podem ser imediatamente induzidos na maioria das pessoas normais por uma série de estímulos, aplicados separadamente ou combinados. Técnicas consagradas incluem a ingestão de bebidas alcoólicas, sugestão hipnótica, música e dança, ingestão de drogas, como a mescalina ou ácido lisérgico, e outros alcalóides psicotrópicos. O mesmo tipo de efeito pode ser produzido, mais lentamente, por meio de privações, tais como o jejum e a contemplação ascética (meditação transcendental) (LEACH, 1971 *apud* NASCIMENTO, 2004, p. 24)

O fenômeno musical eletrônico psicodélico transpõem as fronteiras sonoras, atribuindo ao termo *Psytrance* uma carga cultural pois envolve “estéticas, sociabilidades, consumo, noções de espiritualidade, preocupações com a ecologia, enfim, uma identidade específica” (FRANCO, 2016, p. 26), “o qual utiliza signos e símbolos que o diferencia na paisagem contemporânea” (NASCIMENTO, 2004, p. 26) frente a outras formas de ser, viver e fazer. Dessa maneira, “A cultura do transe se constrói a partir de uma atualização do psicodelismo característico da década de 1960, ligado, sobretudo ao movimento hippie” (MOREIRA, 2014, p. 23), acrescido de misticismo, ecologismo, dentre outras ideologias que misturam ocidente e oriente.

Em linhas gerais, o *Psytrance* consubstancia elementos de diversas culturas e de diversos tempos históricos, conferindo-lhe uma aura que “pode ser compreendida como uma redefinição dos antigos rituais tribais para o século XXI” (NASCIMENTO, 2004, p. 29). Esse axioma é sustentado inclusive pelo Dj Goa Gil -um dos principais expoentes do *Psytrance*- e baseia-se na percepção de que a música e a dança para várias culturas, máxime as tribais, sempre foram

entendidas como veículos para a conexão com planos imateriais paralelos ao plano físico, sendo considerados por muitos como espirituais, divinos e sagrados (MOREIRA, 2014). A dissertação de Nascimento (2004) acrescenta que a noção de “festa como ritual está associada ao ato de dançar durante toda a noite aos sons rítmicos que guiam os estados de transe, comparável aos rituais tribais do passado” (NASCIMENTO, 2004, p. 29) mas não somente, evidenciando que há também “comparação com as proporções religiosas desses eventos como uma variação de formas de espiritualidade ou êxtase religioso” (NASCIMENTO, 2004, p. 29).

Como visto no Capítulo II, mais precisamente no subcapítulo II.II, as expressões humanas que engendram as culturas permanecem pelas transformações, sejam elas internas, externas ou em razão de ambas as dinâmicas. As condições ambientais, sociais, culturais, políticas e religiosas provocam retornos simbólicos e literais a partir de visões de mundo prescritas ou obtidas que sofrem movimentos tanto de avanços quanto de regressos, tornando cabível considerar o *Psytrance* enquanto cultura contemporânea, justificado pela origem no século XX apesar de influências provenientes de tempos históricos variados. Para Moreira (2014)

O movimento cultural do transe psicodélico é, hoje, conhecido e reconhecido mundialmente como uma produção cultural característica de nosso tempo. Carrega então, a dimensão global, tecnológica, e arcaica de nossa era (MOREIRA, 2014, p. 48)

O *Trance* Psicodélico, desde suas origens, propõem uma ambiência distinta perante os cenários festivos que obedecem padrões aceitos pelas sociedades, solidificando-se como uma alternativa específica aos acontecimentos sociais normatizados (NASCIMENTO, 2004). Essa ruptura se dá em praticamente todos os aspectos relacionados aos eventos de *Psytrance* em que se destaca os próprios preceitos, a música, a dança, a ornamentação, o campo em que se realiza, a duração dos eventos e assim por diante, tipificando um arranjo pitoresco para os ritos voltados à música eletrônica psicodélica.

O fenômeno cultural contemporâneo *Psytrance* se concretiza e materializa em *raves*, festas e especialmente em festivais, geralmente de grande porte. Segundo artigo publicado na Revista Turismo - Visão e Ação (2015),

Os festivais são celebrações culturais, e sempre ocuparam um lugar especial na sociedade. Seu papel comemorativo e suas implicações culturais e sociais atraem há muito tempo o interesse de sociólogos e antropólogos. Festivais sempre têm um tema e possuem diversos estilos e programações, todos em busca de promover um tipo de experiência específica (GETZ, 2010 *apud* SANTOS, ZUCCO, KRAUSS, 2015, p. 134)

Os encontros de convivência que tem como proposta o tema, estilo e a programação voltados ao *Trance* Psicodélico promovem experiências sonoras, visuais, sensoriais, psíquicas e espirituais, bem como sociais, culturais e turísticas, fundamentadas na complexidade intrínseca ao fenômeno que utiliza de diversos recursos e serviços para a sua realização. Esses encontros, para Moreira (2014) “combinam fatores de intensa carga simbólica desenvolvendo um tipo de performance em que a busca pelo êxtase é tido como o principal objetivo comum” (MOREIRA, 2014, p. 23) e são experimentados, geralmente, em distâncias significativas dos centros urbanos, estimulando o deslocamento, pernoite e por vezes serviços como de alimentação e transporte. Logo, o fenômeno *Psytrance* movimenta pessoas e promove interações culturais à medida que expressam visões de mundo por meio da música, dança, comportamento, dialetos, ideologias e trocas diversas que inevitavelmente acontecem no campo destinado a esta finalidade desde suas raízes.

3.3 ENCONTROS DE CONVIVÊNCIA, EXPRESSÕES HUMANAS E TURISMO

A relação entre Turismo, encontros de convivência e as expressões humanas, no âmbito do *Psytrance*, são componentes cruciais desde sua genealogia. Conforme abordado no subcapítulo III.II e reforçado por Moreira (2014), que afirma que

As *raves* psicodélicas foram gestadas em diferentes partes do mundo. A música foi elaborada nos EUA, desenvolvida na Europa a partir da *vibe*

construída em Ibiza e Londres e consolidada sob a influência massiva do estilo de festejar das praias de Goa. (MOREIRA, 2014, p. 48)

A amálgama que alicerça o *Trance* Psicodélico é resultado do deslocamento de viajantes de distintas nacionalidades atuando como um elo capaz de unir diferentes culturas e ideologias por meio da aproximação de pessoas em encontros de convivência que posteriormente tornaram-se a motivação. Para Franco (2016),

Isso demonstra o caráter transnacional desta cultura musical que, fruto da globalização, passa a ser produzida e experimentada por indivíduos de diversas partes do mundo e que constrói um imaginário simbólico global unindo o uso de substâncias psicodélicas, hinduísmo, xamanismo, ecologia, alta tecnologia, fraternidade etc (FRANCO, 2016, p. 22).

Segundo dados obtidos a partir da pesquisa de campo, executada por intermédio de recursos digitais com início em 16 de novembro de 2019 e término em 31 de dezembro de 2019 com 33 participantes entre produtores, consumidores, comunidades receptoras, dentre outros perfis, pelo menos 15 do total de entrevistados já deslocaram-se e pernотaram estimulados por festividades de *Psytrance*, configurando uma espécie de estímulo de viagem.

Atualmente os encontros de convivência voltados ao *Trance* Psicodélico acontecem em duas principais modalidades: as festas e os festivais. Festas de *Psytrance* costumam ter duração reduzida se comparadas aos Festivais, realizando-se em períodos entre 12h e 24h, a depender do local e sua infraestrutura, dos serviços ofertados, da proposta do evento, das autorizações legais como alvará, entre outros (FRANCO, 2016). Geralmente tais festas ocorrem em locais urbanos e suas margens, em espacialidade fechada como boates e clubes ou aberta como chácaras e sítios, sendo denominadas *Raves*. O modelo de festa de curta duração é “adaptado ao sistema produtivo da vida urbana” (FRANCO, 2016, p. 27) e “têm um caráter mais comercial, pelo fato de atingir um público que em sua maioria está em busca de lazer no final de semana” (NASCIMENTO, 2006, p.39). Barros (2019) explica esse fenômeno, afirmando que “no mundo capitalista, desterritorializam-se as formas de existência humana e reajusta-se a vida de forma a caber nas engrenagens utilitárias” (BARROS, 2019, p. 63).

As festas *rave*, em sua maioria, oferecem áreas basilares como de alimentos e bebidas (bar e praça de alimentação), fumantes (no caso de ocorrerem em espacialidade interna) e sanitárias (banheiros), dando suporte para a realização do evento. Possui ornamentação característica que visa despertar uma atmosfera psicodélica utilizando-se de artefatos ópticos fractais, caleidoscópicos, formas geométricas, fluorescentes e outros advindos de recursos tanto artesanais (peças têxteis, artesanato), quanto tecnológicos (exibições, iluminação...). Festas de espacialidade externa são habitualmente “decoradas com tendas de bambu e lycras coloridas, lasers, projeções visuais e mantêm uma estrutura básica de estacionamento, pista de dança, bar e espaço para camping” (FRANCO, 2016, p.26), no caso de ocorrerem com programação igual ou superior a 12h.

Em acordo com as características principais a respeito de acontecimentos sociais de *Psytrance* nos moldes de festas, as fotografias abaixo ilustram a terceira edição do evento Sons do Cerrado, do qual elenca-se aspectos como a espacialidade externa, revelando a proposta de conexão com a natureza ainda que nas imediações de meios urbanos; a pista de dança que, nesse caso, destaca-se na paisagem tanto no período noturno, devido a iluminação diferenciada, quanto no diurno, em que é possível levantar aspectos peculiares quando contrastado com outras festividades.

Fotografia 2 - Festa Sons do Cerrado (Edição 2018) - Sobradinho, DF



Fonte: Salles (2018)

Embora se trate de uma festa, com período reduzido frente ao modelo de festivais, a Fotografia 3 ilustra um campo de descanso tido como camping, onde os participantes trocam informações informais e relaxam sob a sombra das árvores em cangas, cadeiras de praia ou de pescaria e até mesmo em barracas.

Fotografia 3 - Festa Sons do Cerrado (Edição 2018) - Sobradinho, DF



Fonte: Salles (2018)

Os festivais, por sua vez, são modelos considerados mais próximos da configuração de encontros de convivência com foco *Psytrance* ocorridos nas praias de Goa na década de 1980. Essa percepção deve-se a fatores como a período de realização do evento que pode chegar a dias de forma ininterrupta e a localidade afastada dos centros urbanos, estimulando o deslocamento para destino rural e exótico, o pernoite e serviços diversos. Para mais, os festivais de *Trance* Psicodélico propõem uma experiência específica de comunidade temporária composta de pessoas de nacionalidades, culturas, ideologias e estilos diferentes mas que são capazes de conviver, celebrar, experienciar e dançar em sintonia. Outro aspecto importante que compõem a experiência é o contato com a natureza, viabilizando cenários exuberantes para o festejo bem como momentos de relaxamento e descontração em recursos naturais como rios, cachoeiras, lagos e o mar. Para Moreira (2015) os festivais se destacam, também, “pela preferência por determinados psicoativos: LSD, ecstasy e maconha; pela forma de interação entre os participantes: se prima pelo contato e comunhão como tribo; e pelo objetivo central: atingir o êxtase coletivo” (MOREIRA, 2015, p.19).

Segundo Nascimento (2006), os festivais movimentam uma grande quantidade de pessoas envolvidas seja como público, seja como produtor, criando a necessidade de infraestruturas complexas para atender os participantes. Franco (2016) descreve que festivais de *Psytrance* oferecem infraestrutura como “camping com cozinha e banheiros comunitários, bancas de comida, lojas de artesanato, tabacarias” (FRANCO, 2016, p. 27) e Moreira (2015) adiciona que “artigos de decoração de festas, vestuário, e produtos alimentícios, além de vários ambientes de descanso com músicas diversas” (MOREIRA, 2015, p. 21) compõem a estrutura de festivais. Alguns contam com postos médicos e de informação e até mesmo com serviços de assistência infantil como creche e recreação, propiciando o entretenimento de mães e pais presentes no evento (MOREIRA, 2015).

A estética dos festivais de *Trance* Psicodélico conta com recursos variados e que exploram a criatividade artística de profissionais artesãos, cenográficos, dentre outros, bem como elementos culturais, ideológicos, religiosos e místicos de fontes diversas. A decoração costuma ser elaborada e geralmente é feita de bambus, galhos secos, retalhos de lycra que formam tendas psicodélicas, bambolês, linhas coloridas e fluorescentes, luzes negras, placas com mensagens filosóficas e de conscientização ambiental, de saúde e outros. Ademais,

oferecem apresentações e performances de artistas visuais, plásticos e circenses; palestras sobre ecologia, sustentabilidade, saúde, espiritualidade; workshops e oficinas de música, Yoga, artesanato; palcos alternativos voltados a outros estilos musicais como o Chill Out etc. (FRANCO, 2016, p. 27)

A Fotografia 4 corresponde a "Pista Frame" do Zuvuya Festival 2019, uma espécie de palco alternativo dentro do festival em que os participantes dançam ritmos mais diversificados, utilizando-se de vários subgêneros da música *trance* psicodélica enquanto trilha sonora. Dessa maneira, a imagem ilustra uma configuração mais complexa de evento, pois contempla cenários secundários que suplementam a estrutura. Ao fundo, é possível visualizar recursos naturais como a vegetação e o rio Corumbá, onde os participantes tiveram livre acesso durante todo o período de duração do festival.

Fotografia 4 - Zuvuya Festival (Edição Carnaval 2019) - Corumbá IV, GO



Fonte: Salles (2019)

Já a Fotografia 5 corresponde a um túnel localizado próximo a pista principal do Zuvuya Festival 2019, revelando aspectos dos recursos estéticos que garantem uma ambiência psicodélica do qual se utilizou de materiais como bambus, malhas coloridas, isopor, tintas fluorescentes, dentre outros.

Fotografia 5 - Zuvuya Festival (Edição Carnaval 2019) - Corumbá IV, GO



Fonte: Salles (2019)

O cenário psicodélico característico foi registrado também no evento Revolution Festival 2017/2018 diante de uma perspectiva noturna. A pista principal, conforme ilustra a Fotografia 6, utilizou-se de linhas coloridas e fluorescentes, luzes negras e jogos de luzes como também de formas geométricas espalhadas pelo campo destinado a dança, garantindo uma ambiência correspondente às festividades de música *trance* psicodélica. A Fotografia 6 também mostra uma quantidade significativa de participantes que ocuparam a pista principal por 3 dias ininterruptos.

Fotografia 6 - Revolution Festival (Edição Reveillon 2017/2018) - Uberlândia, MG



Fonte: Salles (2018)

Durante os eventos de *Psytrance*, abrangendo tanto as festas quanto os festivais, é marcante e peculiar a dinâmica do movimento e os efeitos de excitação e entusiasmo que são alcançados pelos participantes. A música, a dança, o cenário, a interação humana e os recursos alteradores de consciência combinam-se resultando em experiências e vivências baseadas em intensas emoções, oportunizadas pela busca individual e coletiva do êxtase. Conforme apresentado no Subcapítulo I.II do Capítulo I, o campo propício aos impulsos lhanos gera momentos de elevação, descontração e relaxamento, permitindo comportamentos mais espontâneos dentro da aura festiva. A sensação coletiva de extrapassar o cotidiano e a regulação normativa imposta por ele podem ser considerados como excessos e a liberação do que normalmente é proibido que Freud (1913) entende ser a essência das festas.

Dentro de eventos de *Trance* Psicodélico são observáveis excessos em elementos como a música que, além de ser ininterrupta, é composta de vários sons, ruídos e é abundante em influências. A trilha sonora de festas e festivais de *Psytrance* apresenta bpm's mais acelerados se comparados a outros ritmos e a condição repetitiva da mesma também sobressai frente a outros segmentos musicais, sendo responsável por guiar os estados de transe durante a celebração. A dança, nesse contexto, é entendida como uma espécie de meditação ativa que permite a conexão com a música, os planos imateriais, entre pessoas, com o meio ambiente, entre outros. Para Franco (2016), a “dança contínua é o ápice da celebração, o caminho privilegiado na busca da transcendência pela música” (FRANCO, 2016, p. 35).

O longo período de duração das festas, sobretudo dos festivais, confere-lhes mais um atributo de excesso quando contrastado com outras festividades. A duração que varia entre horas a fio ou dias contínuos garante uma disposição festiva diferenciada. O cenário, contemplando o conjunto paisagístico e visual, excede a ideia de realidade, propondo a criação de um campo mágico do qual utiliza de natureza exuberante, criaturas mitológicas, artes, tecnologia e outros meios para criar climas fantásticos. O uso de substâncias enlevantes como bebidas alcoólicas, alucinógenos (LSD, cogumelos, *cannabis*...) e estimulantes (êxtase, MDMA...) sensibilizam e auxiliam o alcance do transe. A utilização de substâncias que alteram estados de consciência é comum entre os agentes participantes de eventos de *Psytrance*, dispondo de vasta disponibilidade e variedade de entorpecentes.

Os excessos quanto a disponibilidade, variedade e utilização de psicoativos é uma das principais preocupações identificadas no discurso dos entrevistados. O Entrevistado 9 registrou, enquanto crítica principal aos eventos de *Psytrance*, que “ideologias (religiosas, culturais...) se confundem com o entorpecimento. Entorpecimento excessivo é um desserviço” (ENTREVISTADO 9) enquanto que o Entrevistado 26 expõe a “utilização nociva de drogas” (ENTREVISTADO 26) como ponto negativo prevalecente. O Entrevistado 12 expõe: “nunca fui, só ouço falar, dizem que há muitas drogas, então, deveria ter mais segurança pra todos que gostam se divertirem” (ENTREVISTADO 12). Entre críticas e sugestões, a palavra

“droga”, associada a uma dimensão nociva, apareceu pelo menos oito vezes em diferentes respostas, ilustrando uma percepção negativa a respeito de eventos de *Psytrance*.

Relacionada à questão da segurança, o uso indiscriminado de entorpecentes pode comprometer a integridade física tanto do público utente de substâncias psicoativas quanto do público que não utiliza tais substâncias, impactando o evento como um todo. O Entrevistado 25 relata a “ausência de aparato de segurança tanto pública quanto privada” (ENTREVISTADO 25), enquanto que o Entrevistado 20 acredita que a “segurança e fiscalização muitas vezes são ineficientes, permitindo a entrada de menores de idade sem autorização, objetos que podem ser usados com violência e etc” (ENTREVISTADO 16), tornando compreensível a sugestão do Entrevistado 7 que consiste em “mais segurança” (ENTREVISTADO 7), em consonância com o Entrevistado 16, que manifestou que o “controle da segurança pode melhorar” (ENTREVISTADO 16), demonstrando percepções desfavoráveis quanto a sensação de salvaguarda dentro de eventos de *Trance Psicodélico*. Diante disso, o Entrevistado 31 propõe, principalmente, “uma melhor fiscalização durante o evento para evitar a entrada de menores de idade e a entrada de drogas e armas” (ENTREVISTADO 31).

Para mais, o consumo abundante de psicoativos representa um dos principais aspectos que estimulam comportamentos de rejeição na sociedade, máxime as conservadoras, dando margem a interpretações equivocadas, alterações e conflitos generalizados baseados na associação exclusiva da festividade com o uso de drogas ilícitas (NASCIMENTO, 2006). Segundo mostra a pesquisa de campo, 100% dos 33 entrevistados, entre variados perfis, acreditam que a Cultura *Psytrance*, festas e festivais sofrem preconceito, sendo que 81,8% destes já presenciaram cenas de intolerância. O Entrevistado 21 alega enquanto crítica principal que “a cena não é mais a mesma porque a geração atual não vai pela cultura *Psytrance* e sim pela droga, o que acaba denegrindo a imagem da cultura” (ENTREVISTADO 21), criando um imaginário negativo e influenciando um distanciamento das propostas originais nascidas em Goa. O Entrevistado 27 sugere

que os eventos invistam em processo educacional relacionado a essa cultura, que façam mais abordagens no evento em si contando a história do *Psytrance*, o que é, de onde veio, como surgiu, quem foram os precursores, a diferença daquele tempo pros dias atuais. Educação sobre a cultura *Psytrance*. (ENTREVISTADO 27)

O acesso a informação pode incentivar comportamentos inócuos, atuando como uma ferramenta capaz de direcionar os participantes para a busca do êxtase, da subjetividade, da experiência, da troca e da sensação de liberdade, inspirados em antigas práticas religiosas, nos movimentos contraculturais e psicodélicos vanguardistas do século XX e em seus desdobramentos diversos até a atualidade. Segundo Moreira (2014),

a formação de uma sociedade de hippies expatriados em Goa nos anos 70, foi um elemento determinante para a realização dos primeiros experimentos das raves, que propiciaram sínteses entre a religiosidade milenar oriental, a cultura psicodélica dos anos 1960 e a música eletrônica ocidental (MOREIRA, 2014, p. 58)

Coutinho (2006) afirma que a imoderação no consumo de psicoativos pode ser freada a partir do controle dos grupos participantes do evento em referência aos excessos praticados, pois em sua pesquisa verificou-se que o propósito original seria o êxtase (COUTINHO, 2006 *apud* NASCIMENTO, 2006), não os abusos que podem ameaçar o bem estar individual e coletivo. Todavia, “estados de transe são parte crucial de qualquer cerimônia” (GEERTZ, 2013, p. 27) e segundo Franco (2016),

Para se chegar ao êxtase coletivo é necessário um “esforço” conjunto do DJ, do público, da tecnologia e das substâncias utilizadas, onde cada um tem papel determinante na manutenção da experiência. (...) A combinação dessas “instâncias” caracteriza a natureza da efervescência coletiva, do ápice da experiência grupal. (FRANCO, 2016, p. 66)

O conjunto de componentes que engendram o fenômeno e consequentemente sua materialização enquanto evento conferem-no traços específicos, resultantes de uma construção social baseada em experiências ocorridas em determinado tempo histórico sob condições específicas (BAUMAN, 2012). Tal construção social resguarda vestígios e testemunhos de simbolismos e

significados atribuídos a interações entre seres humanos e com a natureza, formulando a Cultura *Psytrance*. Segundo indica o questionário, 93,9% consideram que festas e festivais de *Psytrance* são eventos culturais, enquanto que 100% dos entrevistados acreditam que festividades desta natureza manifestam culturas, não necessariamente configurando-se enquanto um evento cultural.

De qualquer maneira, as festas detêm de um conteúdo essencial pois exprimem e revelam visões de mundo, conforme as considerações de Bakhtin (1987), e no caso das celebrações de *Trance* Psicodélico, as visões de mundo são manifestadas por diversos canais dos quais se destacam a música, a dança e a conduta. Enquanto forma de expressão humana, a música *Psytrance* exprime emissões sonoras características da contemporaneidade tanto em escala efetiva com reprodução de sons encontrados na natureza, nos processos industriais, nos computadores ou produzidos por instrumentos musicais e voz; quanto em escala imaginativa com a produção sintética de sons que remetem ao espaço sideral, processos químicos e outros. É possível encontrar na música *Psytrance* mensagens fônicas, por vezes faladas ou cantadas (embora geralmente não se estenda por toda a música), manifestando ideologias, crenças, espiritualidades, filosofias, enfim, culturas e expressões humanas diversas que compõem a sonoridade *Trance* Psicodélica.

De acordo com o que demonstra o questionário, 78,8% dos entrevistados acreditam que o *Psytrance* é uma cultura contemporânea, passível de leituras como a do Entrevistado 14 que acredita que tais expressões humanas envoltas ao *Trance* Psicodélico “materializam a modernidade musical e cultural” (ENTREVISTADO 14), firmando-se enquanto narrativa da atualidade. Em relação a dança, a expressão corpórea guiada pela música *Trance* Psicodélica produz movimentos ritmados diversos e é utilizada como veículo para o alcance do ápice sensorial. Para Nascimento (2006),

O poder da música e sua eficácia simbólica são aprendidos e incorporados por meio dos assíduos participantes, que encontram na dança uma possibilidade de expressão criativa. Sendo assim, os membros da celebração buscam de diferentes maneiras sintonizar-se com as frequências do transe psicodélico e com os instantes eternos de

“êxtases coletivos”, nos quais espaço e tempo desaparecem em um misterioso fluir de energias. (NASCIMENTO, 2006, p.27)

Franco (2014) entende que

O significado atribuído à música e a dança neste caso se estende a uma maneira de se posicionar perante as relações humanas e o mundo, é um modo de identificação e pertencimento, fundamenta ideologias e práticas, crenças e ritos (FRANCO, 2016, p.46)

A fundamentação de ideologias, práticas, crenças e ritos traduzem-se em expressões humanas que carregam referências à identidade, ação, memória e outros dos grupos adeptos ao *Psytrance*, em acordo com o que o Artigo 216 da Constituição Federal Brasileira entende por cultura, conforme apresentado no Subcapítulo II.II. As diferentes lentes pelos quais os participantes do evento enxergam o mundo são sistemas simbólicos dados ou adquiridos no decorrer da vida e estão suscetíveis a choques, interações e transformações já que advém da diferenciação organizacional das experiências, segundo visto nos Aspectos Conceituais e Técnicos do Capítulo II. No que tange o comportamento humano dentro dos eventos de *Psytrance*, é perceptível a forte inclinação ao uso de substâncias expansoras de consciência, sobretudo a *Cannabis*, LSD e MDMA e aos discursos ambientalistas, libertários, cosmopolitas, espiritualizados com influências diversas, de retomada a ancestralidades, dentre outros. Logo,

As festas e festivais de música eletrônica psicodélica apresentam-se como terreno fértil para o florescimento de manifestações hedonistas, tribais, nômades e experiências de êxtase e transe coletivo (MOREIRA, 2015, p. 133)

estruturando os pilares da Cultura *Psytrance*, embora tais discursos não sejam um consenso entre todos os adeptos, tampouco princípios orientadores da conduta de todos os participantes de festividades dessa natureza.

Todavia, as expressões humanas são uma comunicação simbólica que se faz presente e é amplamente manifestada no campo dos encontros de convivência de *Psytrance*, formulando conjunto de conhecimentos ambientais, sociais, espirituais e ideológicos que explicam e justificam seus modos de ser, viver e fazer (RIBEIRO, 1978): a dança, a música, o uso de psicoativos, o contato com a

natureza e a dinâmica de expressões e manifestações nessas festividades oportunizam vivências únicas em arranjos de uma comunidade temporária que busca o êxtase. Franco (2016) considera que a essência dos eventos de *Psytrance* está na aproximação para com a proposta original da festividade,

quando se almeja a dissolução das individualidades egóicas e pessoais, e a associação de unidades existenciais complementares, que se colocam presentes em corpo e alma para atingir o objetivo maior de celebração coletiva. A obtenção deste estado de êxtase coletivo seria o propósito das festas, o motivo pelo qual todos os integrantes se reúnem naquele cenário, a convergência das individualidades, enfim, o resultado positivo da combinação “correta” e bem sucedida de todos os elementos do ritual. (FRANCO, 2016, p. 69)

Lemos (2003) afirma que as relações humanas são o núcleo da produção de valor turístico em eventos e as percepções compartilhadas enquanto principais aspectos positivos na entrevista apontam coincidentemente para as sociabilidades. As relações que ocorrem em níveis diversos são possíveis porque os eventos de música eletrônica psicodélica “conectam pessoas, conectam o mundo todo em um propósito só” (ENTREVISTADO 27) e estão diretamente ligadas ao campo festivo, que propõem “conexão com o meio ambiente e opções de hospedagens alternativas que promovem as relações sociais” (ENTREVISTADO 11). As interações dão suporte para interpretações da festividade como um “espaço de acolhimento” (ENTREVISTADO 3), onde a “diversidade” (ENTREVISTADO 5) e o “multiculturalismo” (ENTREVISTADO 1 e 20), em regra, convivem em respeito, pois há a ideia de que “é um lugar no qual podemos ser nós mesmos” (ENTREVISTADO 6).

Para além, a experiência, que inclui o conjunto infraestrutural e o consumo de substâncias alteradoras de consciência às sociabilidades, induz o “transcender na nossa essência” (ENTREVISTADO 6) e o “autoconhecimento” (ENTREVISTADOS 23 e 28) a partir de uma espécie de “catarse coletiva” (ENTREVISTADO 9) capaz de “transmutar sentimentos” (ENTREVISTADO 6), “livrar de preconceitos e quebrar padrões negativos de comportamento” (ENTREVISTADO 28), “importantes para o nosso desenvolvimento pois provoca estímulos diferenciados com pessoas de outras culturas, enriquecendo” (ENTREVISTADO 2). Tais pontos de vista coincidem não só com o que Franco

(2016) considera como a essência das festividades de *Trance Psicodélico*, como também com o que Caillois (1989) classifica como “o tempo das emoções intensas e da metamorfose de seu ser” (CAILLOIS, 1989, p. 128), oportunizados pela festa.

Se tais estados sensoriais subjetivos representam a essência dos eventos de *Psytrance* e motivam o deslocamento para destinos celebrativos a largas distâncias dos centros urbanos, o resultado da operação cultural (LARAIA, 1986) de *Psytrance* influencia o Turismo bem como depende dele para sua realização, já que envolve deslocamento e, por isso, serviços de transportes; o pernoite e, por isso, meios de hospedagem; o uso do tempo livre em atividades benéficas e agradáveis e, por isso, atrações diversas como recursos naturais, apresentações, oficinas, performances e outros, totalizando a promoção de uma experiência. Um clássico exemplo brasileiro, inclusive mencionado como elogio pelo Entrevistado 24, é a experiência proposta pelo *Universo Paralello Festival*, o “maior festival de música eletrônica psicodélica da América Latina” (MOREIRA, 2014), que celebrou 20 anos de história na edição de reveillon 2019/2020, nas praias desertas e preservadas de Pratigi, Ituberá, litoral sul baiano.

Nas dimensões de um megaevento, o festival oferece excursões rodoviárias, aéreas e translados, dicas de viagem, opções de hospedagem, opções terceirizadas de bares, restaurantes e agência de viagem online, posto médico 24h, estande de informação, área de recreação infantil, 7 palcos, zonas artísticas com apresentações, programações e atividades culturais, oficinas, terapias, 8 dias ininterruptos de música preferencialmente eletrônica psicodélica e mais uma porção de alternativas de entretenimento dispostas no campo festivo. A reunião de mais de 10.000 pessoas de diferentes gêneros, idades, nacionalidades, religiões, culturas e estilos nos moldes de uma tribo global em um cenário paradisíaco distante cerca de 30 km da cidade mais próxima, Ituberá, somado a toda infraestrutura e serviços, é o que subsidia a experiência extraordinária e que inspira públicos e produtores em todo o mundo.

De acordo com a pesquisa de campo, pelo menos 15 dos 33 entrevistados já viajaram tendo como motivação celebrações de *Trance Psicodélico*, seja por ludismo, no caso do público consumidor, seja por prestação de serviços, no caso dos profissionais envolvidos na organização como Djs. Além disso, 97% de todos

os entrevistados acreditam que festas e festivais destinados a Cultura *Psytrance* estimulam o Turismo e 90,9% crêem que o deslocamento em razão desta pode motivar a visita a outros segmentos disponíveis próximo ao evento, como atrativos naturais, culturais, históricos e etc, revelando relações intrínsecas e potencialidades percebidas a respeito do evento, suas *práxis* e o Turismo.

As características de localização e espacialidade que tipificam os eventos de *Psytrance*, especialmente os festivais, despertam tanto o interesse do público, justificado pela aproximação com a natureza; quanto uma espécie de receio, justificado pelo alerta ante a questão da sustentabilidade e dos impactos ambientais. O Entrevistado 20 assinala, enquanto sugestão, ações e promoções que atuem em favor da “consciência ambiental (muito lixo e normalmente acontecem em ambientes naturais)” (ENTREVISTADO 20), em concordância com o Entrevistado 2, que sugere responsabilidade e iniciativas em relação ao “redirecionamento de resíduos sólidos. Pois é gerado uma quantidade muito grande de lixo nesses eventos, e muitos são recicláveis” (ENTREVISTADO 2).

Além da poluição, há preocupação com a preservação do ecossistema presente no local que pode ser afetado pela superlotação de pessoas, bem como pela música alta e a iluminação artificial. O Entrevistado 1 denuncia enquanto crítica principal a “degradação ambiental (ausência de contrapartida ambientalista)” (ENTREVISTADO 1), assim como o Entrevistado 2 que reforça que “o impacto ambiental na fauna e flora que pode ter, destruindo ou inibindo que muitas espécies vivam tranquilamente em seu habitat” representa uma face negativa da festividade. Para o Entrevistado 14, a crítica está direcionada a ausência de “um estudo de biocapacidade e possíveis impactos a fauna (quando ocorre em área natural)” (ENTREVISTADO 14), justificando o posicionamento crítico do Entrevistado 9, que reivindica que eventos dessa natureza “não sejam realizados em localidades próximas a RESERVAS ambientais (APPs e afins)” (ENTREVISTADO 9), visando a segurança e bem estar da vida natural em condição de proteção.

O discurso sustentável também surge em defesa da comunidade local que recebe eventos e megaeventos de *Psytrance*, segundo pesquisa de campo. A “participação da comunidade local nos processos de planejamento e/ou execução

do evento” (ENTREVISTADO 1) foi proposto pelo Entrevistado 1 e favorece o destino, a medida que fornece condições para que a população nativa tenha poder de decisão, bem como elabore precauções, estratégias e soluções para driblar os imprevistos, melhor atender os turistas e garantir benefícios duradouros a localidade. Em relação a sustentabilidade socioeconômica, o Entrevistado 11 acredita que eventos de *Trance* Psicodélico “poderiam envolver mais o comércio local” (ENTREVISTADO 11) e propôs a divulgação acerca das “contribuições para a população e ambiente” (ENTREVISTADO 11), informando as respostas compensatórias dadas a comunidade local por parte da organização dos eventos.

Para 90,9% dos entrevistados, os eventos de música eletrônica psicodélica podem contribuir para o destino e comunidade local onde são realizados, desde que haja um planejamento sustentável respeitando as condições ambientais e de vida presentes na região e incluindo a sociedade nos processos envolvidos a realização do evento, configurando-se a partir de uma lógica permanente. Segundo Lemos (2003), “o evento não pode simplesmente usufruir de uma localidade, de uma cidade como um apêndice” (LEMOS, 2003, p. 91), pois isso intensifica os impactos ambientais, sociais e econômicos no local, prejudicando a geração de valores sociais sólidos e, posteriormente, de valores turísticos.

Para o Entrevistado 31, “exigir uma doação de alimento na entrada do evento e por fim após o evento realizar ações sociais na cidade sede” (ENTREVISTADO 31) pode trazer impactos positivos para a população receptora, bem como corroborar para a diminuição de percepções negativas em relação a festividade. Mais do que isso, os agentes públicos e privados envolvidos devem esforçar-se para inserir a sociedade nos processos de organização e execução, garantindo o planejamento e preparação infraestrutural adequada para receber o público, bem como a qualificação da comunidade para atuar no evento ou para gerar e agregar valor com a produção de bens e serviços complementares (LEMOS, 2003) .

A pesquisa ilustrou, em uma escala claramente reduzida, a opinião pública em relação aos eventos de *Psytrance* e a percepção de suas potencialidades aliadas ao Turismo. Embora hajam críticas em relação aos impactos ambientais, sociais e econômicos, a maioria dos entrevistados reconhece os bens tangíveis e

intangíveis oportunizados e viabilizados a partir do *Psytrance* enquanto cultura, bem como identificam um cenário positivo para o *Trance* Psicodélico baseado na conscientização ambiental, social e ideológica do fenômeno, presente também na associação direta com o Turismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encontros de convivência que suportam expressões humanas com enfoque *Psytrance* configuram festividades contemporâneas de caráter cultural e apresentam-se como alternativas ante celebrações e cerimônias tradicionais, desencadeando uma série de interpretações ultrajantes firmadas em perspectivas etnocêntricas, sobretudo em grupos sociais conservadores. Segundo Geertz (2013), “a humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão” (GEERTZ, 2013, p. 27), isentando indivíduos de qualquer compromisso com a homogeneidade social e cultural, pois iria contra sua natureza potencialmente diversificada. Logo, a Cultura *Psytrance* é, assim como toda sorte de culturas, resultado de uma formulação social a respeito de experiências coletivas e individuais em episódios históricos variados, enquanto resposta simbólica a uma determinada conjuntura ambiental, social, política, econômica, religiosa e outros em que os adeptos explicam e justificam seus modos de criar, viver e fazer.

Tais respostas simbólicas decorrem da recriação, revisitação e remodelação de práticas antigas de conexão com dimensões imateriais e divindades por intermédio da música, principalmente repetitiva, bem como da dança e da utilização de enteógenos visando o êxtase. O *Psytrance* também recriou, revisitou e remodelou movimentos contraculturais e psicodélicos como o *Beat* e o *Hippie*, desenvolvendo-se a partir das características do patrimônio cultural preexistente (RIBEIRO, 1978). Esses processos de resgate e adaptação podem ser considerados como o que Geertz (2013) chamou de acréscimos, subtrações e alterações a que todas as expressões humanas estão sujeitas e também dependem para perpetuarem-se. Se a cultura se traduz como formas de operar a vida humana a partir da leitura acumulativa que desta se faz, está intrínseca a dilatação da bagagem cultural tal qual a sua diversificação, resultando no “fenômeno humano em toda a sua variedade” (RIBEIRO, 1978, p. 37).

É inconcebível transferir os acontecimentos de um período histórico para outro, tal qual é inconcebível que as diversas lentes culturais não se adaptem as mudanças impostas pelo meio a que se está inserido, se pretendem continuar a

existir. Logo, é ilógico esperar uma uniformidade cultural, pois as condições e estímulos externos estão em constante mudança, bem como são específicas e distintas as incalculáveis formas que o *Homo Sapiens* encontra para superar os desafios universais de sobrevivência, mesmo porque suas bagagens culturais decorrem de experiências únicas. Entender a dinâmica cultural como sendo natural, equivalente aos processos de evolução da própria vida, suaviza o atrito entre povos e gerações e auxilia na redução de condutas intolerantes e de negação do outro.

O *Psytrance* e suas formas de expressão nasceram por meio do Turismo, a partir de contribuições diversas que desconhecem a noção de fronteira: o intenso fluxo de deslocamento de viajantes com fins variados propiciou experiências e trocas, fornecendo as condições necessárias para o surgimento de um fenômeno que atrai cada vez mais pessoas e que constitui, para muitos, um ponto de confluência em que manifestações materiais, ideológicas e de expressão são convidadas a coexistir harmonicamente dentro de um mesmo campo. Ainda relacionado ao Turismo, festas e festivais de música eletrônica psicodélica possuem características ímpares que as diferenciam de outras modalidades de eventos musicais, culturais e turísticos, reunindo uma gama de recursos e serviços que totalizam a experiência e dispõem de significativo potencial turístico, conforme ilustrou a pesquisa de campo.

Embora o campo onde se consumam seja, em maioria, afastado dos centros urbanos e geralmente contenham atrativos naturais, culturais e lúdicos, a essência desses eventos está nas relações humanas e nos excessos a que os indivíduos se dispõem para coletivamente alcançarem um estado de êxtase coletivo e de transgressão capaz de extrapassar as regulações normativas impostas pelo fastidioso cotidianismo que preza, unicamente, as necessidades prementes que garantem a sobrevivência e que lesa, excepcionalmente, as necessidades genuínas que garantem a ampliação da expressão humana latente. Ademais, as festas sempre exprimiram visões de mundo (BAKHTIN, 1987) e talvez seja cabível a leitura de que as expressões humanas reveladas nos encontros de convivência voltados ao *Trance* Psicodélico sejam um modo de

contestar ou desafiar, nas mínimas incógnitas do dia a dia, uma ordem sociopolítica e uma cultura dominante (GUSHIKEN, 2004). Para além,

festivals de transe psicodélico são vivenciados como comunhão coletiva que permite o reconhecimento por parte dos outros, que aceitam a transgressão dos limites, e isto é o essencial compartilhado. Só podemos existir na medida em que fizemos parte de uma ordem na qual integramos nossa diferença assumida num todo, a qual vai além de nós. A unidade alcançada por meio do êxtase coletivo harmoniza a pluralidade das diferenças, das tensões e contradições que compõem o cenário dos festivals psicodélicos. Em oposição à solidão da vida urbana, individualista, encontra-se aqui um elemento de solidariedade comum. Assim, em vez de recusar a realidade do contraditório e da violência inerente ao humano, este grupo integra a animalidade e a pluralidade, numa dinâmica social criada por espíritos livres. (NASCIMENTO, 2006, p. 191)

A cultura muitas vezes é aplicada como uma ferramenta de controle cujo intuito é reger as ações humanas, estabelecendo padrões de comportamento a partir do estreitamento do leque de possibilidades (BAUMAN, 2012). Ao questionar tais padrões, ameaça-se pôr à prova toda a ordem social estabelecida. Todo e qualquer desvio propende a ser interpretado com receio ou aversão, pois “como é perigoso todo o espaço onde a verdadeira expressão pode vir à tona, trazendo a possibilidade da perda total de controle” (TELES, 1998).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Soraya Sousa de. **Turismo de Eventos: A Importância dos Eventos para o Desenvolvimento do Turismo**. Brasília: Universidade de Brasília, 2004. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/438/1/2004_SorayaSousaAlbuquerque.pdf>. Acessado em: 21/01/2020.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira: Significados do Festejar, no país que “não é sério”**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/publico/tesecapa1.pdf>>. Acessado em: 21/01/2020.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987. Disponível em: <[https://www.academia.edu/9192913/BAKHTIN Mikhail A cultura popular na idade media e no renascimento o contexto de Francois rabelais](https://www.academia.edu/9192913/BAKHTIN_Mikhail_A_cultura_popular_na_idade_media_e_no_renascimento_o_contexto_de_Francois_rabelais)>. Acessado em: 21/01/2020.

BARROS, Juliana Carvalho de Araújo de. **A vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Bonecker, 2019. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=sJqeDwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=A+vida+como+obra+de+arte+juliana+carvalho+de+ara%C3%BAjo&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiavcOw3ZXnAhVrHrkGHUuDC60Q6AEIKTAA#v=onepage&q=A%20vida%20como%20obra%20de%20arte%20juliana%20carvalho%20de%20ara%C3%BAjo&f=false>>. Acessado em: 21/01/2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BENEVIDES, Silvio Cesar de Oliveira. **Na contramão do poder: juventude e movimento estudantil**. São Paulo: Annablume, 2006. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=6oqjorcWaYC&printsec=frontcover&dq=Na+contram%C3%A3o+do+poder:+juventude+e+movimento+estudantil&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiav93m3ZXnAhWsJrkGHerzApMQ6AEIKTAA#v=onepage&q=Na%20contram%C3%A3o%20do%20poder%3A%20juventude%20e%20movimento%20estudantil&f=false>>. Acessado em: 21/01/2020.

BRASIL, Ministério da Cultura. **Plano Nacional de Cultura - Diretrizes Gerais. 2ª Edição**. Brasília: Ministério da Cultura, 2008. Disponível em: <<http://pnc.cultura.gov.br/wp-content/uploads/sites/16/2018/05/Plano-Nacional-de-Cultura-Diretrizes.pdf>>. Acessado em: 21/01/2020.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Glossário do turismo: compilação de termos publicados por Ministério do Turismo e Embratur nos últimos 15 anos – 1ª edição**. Brasília: Ministério do Turismo, 2018. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/images/pdf/Publica%C3%A7%C3%B5es/Glossario_do_Turismo_-_1%C2%AA_%20edi%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acessado em: 21/01/2020.

BRASIL, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Marcos Conceituais**. 2006. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf>. Acessado em: 21/01/2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: orientações básicas**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. – 3. ed.- Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acessado em: 21/01/2020.

BRAUNSTEIN, Florence. **1 kg de Cultura Geral** [livro eletrônico] / Florence Braunstein, Jean-François Pépin ; tradução de Adriana Zavaglia - São Paulo: Blucher, 2018. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/164479/pdf>>. Acessado em: 21/01/2020.

CAILLOIS, Roger. **“Le sacré de transgression: Théorie de la fête”, 4º capítulo de: L’homme et le sacré**. Paris: Gallimard, 1989 [publicado originalmente em 1939], p. 127- 168; e o “Appendice III - Guerre et sacré”, p. 219-242. Tradução de Carlos Eduardo Schmidt Capela. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2015n19p15/30942>>. Acessado em: 21/01/2020.

CANTON, Marisa. **Evento: da proposta ao planejamento**. Turismo - Visão e Ação, Vale do Itajaí, v.1, n.1, p.101-113, 1998. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1394/1097>>. Acessado em: 21/01/2020.

COE, Michael; SNOW, Dean; BENSON, Elizabeth. **A América Antiga: Civilizações Pré-Colombianas**. Barcelona: Ediciones Folio, 2006.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

DORTA, Lurdes Oliveira. **Fundamentos em técnicas de eventos** [livro eletrônico]. Porto Alegre: Bookman - série tekne, 2015. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582602553/cfi/0!/4/4@0.00:67.5>>. Acessado em: 21/01/2020.

FRANCO, Renato Macedo Machaim Franco. **A Cultura Global Psytrance e Aspectos da Cena Eletrônica de Brasília**. Brasília: Universidade de Brasília, 2016. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15946/1/2016_RenatoMacedoMachaimFranco_tcc.pdf>. Acessado em: 21/01/2020.

FREIBERGER, ZÉLIA. **Organização de Eventos**. Paraná: Instituto Federal do Paraná, 2010. Disponível em: <http://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/753/3a_disciplina_-_Organizacao_de_Eventos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21/01/2020.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu: Alguns Pontos de Concordância Entre a Vida Mental dos Selvagens e dos Neuróticos**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: LTC, 1989. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-216-2397-7>>. Acessado em: 21/01/2020.

GONZALEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. Disponível em: <<http://www.udc.edu.br/libwww/udc/uploads/uploadsMateriais/04032018222158pesquisa-qualitativa-e-subjetividade-os-processos-de-construcao-da-informacao.pdf>>. Acessado em: 21/01/2020

GOTTFRIED, Clarissa Kogik. **Rituais e festas populares na Idade Moderna**. História, imagem e narrativas, Rio de Janeiro, n. 15, p. 1-10, out. 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/9595947-Rituais-e-festas-populares-na-idade-moderna.html>>. Acessado em: 21/01/2020.

GUIMARÃES, Aline Fernandes. **Eventos v. 1** / Aline Fernandes Guimarães, Rodrigo Fonseca Tadini – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2013. Disponível em: <<https://canalcederj.cecierj.edu.br/012016/e788fe98cc31f42ca47cfd8817c701f3.pdf>>. Acessado em: 21/01/2020.

GUSHIKEN, Yuji. **Noites-Máquinas: Comunicação e Subjetividade em Festas Rave**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp023370.pdf>>. Acessado em: 21/01/2020.

HARARI, Yuval Noah; MARCOANTONIO, Janaína (Trad.). **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 38. ed. Porto Alegre: L&PM, 2018.

JUSTAMAND, Michel. **O Brasil desconhecido: As pinturas rupestres de São Raimundo Nonato**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2007. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3832/1/michel.pdf>>. Acessado em: 21/01/2020.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788537801864>>. Acessado em: 21/01/2020.

LE MOS, Leandro. **Para além da superfície: um exame teórico sobre eventos turísticos**. In: GASTAL, Susana (Org.). Turismo Investigação e Crítica. São Paulo: Contexto, 2002. p. 83-92.

LONDOÑO, Fernando Torres. **No princípio da história, era um jogo de bola. jogo, poder e religião entre os maias**. REVER - Revista de Estudos da Religião, São Paulo, ano 15, n. 1, p. 111-125, jan. 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/23590/16918>>. Acesso em: 21/01/2020.

MARIUZZO, Patrícia. **Woodstock**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 61, n. 4, p. 60-61, 2009. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000400021>. Acessado em: 21/01/2020.

MATIAS, Marlene. **A arte de receber em eventos** [livro eletrônico]. Barueri, SP: Manole, 2014. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520446331/cfi/24!/4/4@0.00:0.00>>. Acessado em: 21/01/2020

MATIAS, Marlene. **Organização de Eventos - Procedimentos e Técnicas**. São Paulo: Manole, 2003.

MONTENEGRO, Guilherme Amorim. **O uso de psicotrópicos na América Pré-colombiana a partir de uma perspectiva religiosa**. Ameríndia - História, cultura e outros combates, Ceará, v. 2, n. 2, p. 1-13, 2006. Disponível em:

<http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/13923/1/2006_art_gamontenegro.pdf>.
Acessado em: 21/01/2020.

MOREIRA, Nathalia Araújo Moreira. **Temporalidade Nômade: Raves Psicodélicas**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014. Disponível em:
<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19419/1/2015_NathaliaAraujoMoreira.pdf>. Acessado em: 21/01/2020.

NASCIMENTO, Ana Flávia Nogueira. **Festivais Psicodélicos na Era Planetária**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. Disponível em:
<<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3752/1/CSO%20-%20Ana%20Flavia%20N%20Nascimento.pdf>>. Acessado em: 21/01/2020.

NASCIMENTO, Ana Flávia Nogueira. **O Microcosmo das Raves Psicodélicas**. São Paulo: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre psicoativos. Disponível em:
< <https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/o-microcosmo-das-raves.pdf>>. Acessado em: 21/01/2020.

PRIORE, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

RIBEIRO, Darcy. **Processo civilizatório: Etapas da evolução sociocultural**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

RUAS, Rayane. **Festivais musicais: um estudo sob a ótica do turismo**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013. Disponível em:
<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16107/3/2013_RayaneRuas.pdf>. Acessado em: 21/01/2020.

SANTOS, Thiago dos; ZUCCO, Fabrícia Durieux; KRAUS, Camila Belli. **Imagem de eventos turísticos: Perspectivas do Festival Brasileiro da Cerveja, Blumenau - SC**. Turismo - Visão e Ação, Vale do Itajaí, v. 17, n. 1, p. 128-149, 2015. Disponível em:
<<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/7704/4404>>. Acessado em: 21/01/2020.

SERVICE, Elman Rogers. **Os caçadores**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SIMÕES, Roberto Porto. **Relações Públicas: Função Política**. São Paulo: Summus, 1995.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festa e cultura popular: a ruptura e a norma**. Revista Antropológicas, Pernambuco, Ano 9, Volume 16 (2), p. 99-132, 2005. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23634/19289>>. Acessado em: 21/01/2020.

TELES, Adriana de Almeida. **Woodstock e a contracultura: um olhar sobre os E.U.A dos anos 60**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1998.

Disponível em:

<[https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/20482/1/WoodstockContraculturaO](https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/20482/1/WoodstockContraculturaO%20lhar.pdf)
[lhar.pdf](https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/20482/1/WoodstockContraculturaO%20lhar.pdf)>. Acessado em: 21/01/2020.

TENAN, Ilka Paulete Svissero. **Eventos**. São Paulo : Aleph, 2003 (Coleção ABC do Turismo)

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Questionário: Cultura Psytrance

Esse questionário tem por intuito quantificar e qualificar questões acerca da Cultura Psytrance para Trabalho de Conclusão de Curso. São 15 perguntas no total, das quais as 12 primeiras são objetivas (sim ou não) e obrigatórias e as 3 últimas são discursivas (sugestão, crítica e elogio) e livres. Para melhor aproveitamento da pesquisa, solicita-se resposta baseada no seu conhecimento atual, bem como na sua opinião pessoal a respeito da temática.

Qual é o seu nome e sobrenome?

Quantos anos você tem?

Qual é o seu sexo?

☐ Feminino ☐ Masculino

1. Você conhece Psytrance?

☐ Sim ☐ Não

2. Você já foi em algum evento de Psytrance?

☐ Sim ☐ Não

3. Você considera festas e festivais de Psytrance como eventos culturais?

☐ Sim ☐ Não

4. Você acredita que eventos de Psytrance manifestam culturas?

☐ Sim ☐ Não

5. Você considera eventos de Psytrance como cultura contemporânea (atual, recente, nova)?

☐ Sim ☐ Não

6. Você acredita que eventos de Psytrance podem motivar uma viagem?

☐ Sim ☐ Não

7. Você acredita que eventos de Psytrance podem motivar turistas a visitar/conhecer locais próximos a festa/festival (como atrativos naturais, culturais, históricos e etc)?

☐ Sim ☐ Não

8. Você acredita que eventos de Psytrance podem contribuir para o Turismo?

☐ Sim ☐ Não

9. Você acredita que eventos de Psytrance podem contribuir para o destino ou comunidade local onde são realizados?

☐ Sim ☐ Não

10. Você considera eventos de Psytrance como significativos no sentido de popularidade, influência e promoção de comportamento social?

☐ Sim ☐ Não

11. Você acredita que os eventos de Psytrance são vistos com preconceito?

☐ Sim ☐ Não

12. Você já presenciou uma cena de preconceito relacionado ao Psytrance (festividade, cultura, música, público, dentre outros aspectos envolvidos no evento)?

☐ Sim ☐ Não

13. Você tem alguma sugestão principal aos eventos de Psytrance? Se sim, discorra brevemente no campo baixo.

14. Você tem alguma crítica principal aos eventos de Psytrance? Se sim, discorra brevemente no campo abaixo.

15. Você tem algum elogio principal aos eventos de Psytrance? Se sim, discorra brevemente no campo abaixo.